



UFRPE- UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
UAST- UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA  
CURSO DE BACHARELADO EM AGRONOMIA

GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA

**DA TERRA SECA NASCE VIDA ÁSPERA: O CASO DOS AGRICULTORES  
DE SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE (PE) NAS *FRENTES DE EMERGÊNCIA*  
NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990.**

SERRA TALHADA-PE

2019

GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA

**DA TERRA SECA NASCE VIDA ÁSPERA: O CASO DOS AGRICULTORES  
DE SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE (PE) NAS FRENTES DE EMERGÊNCIA  
NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990.**

Monografia apresentado na Disciplina de Trabalho de  
Conclusão de Curso como requisito básico conclusão  
do Curso de Bacharelado em Agronomia e obtenção  
do título de Engenheiro Agrônomo.

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Avani Terezinha Gonçalves Torres

SERRA TALHADA- PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Universidade  
Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

725t Sousa, Genicélio Cordeiro de  
Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde  
(PE) nas Frentes de Emergência nas décadas de 1980 e 1990. / Genicélio Cordeiro de Sousa.  
- 2019.  
65 f.

Orientadora: Avani Terezinha  
Gonçalves Torres. Inclui  
referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, ,  
Serra Talhada, 2019.

1. Frentes Produtivas. 2. Semiárido. 3. Seca. I. Torres, Avani Terezinha Gonçalves, orient. II.  
Título

---

CDD

**GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA**

**DA TERRA SECA NASCE VIDA ÁSPERA: O CASO DOS AGRICULTORES  
DE SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE (PE) NAS FRENTES DE EMERGÊNCIA  
NOS ANOS 1980.**

Monografia apresentado na Disciplina de Trabalho de  
Conclusão de Curso como requisito básico conclusão  
do Curso de Bacharelado em Agronomia e obtenção  
do título de Engenheiro Agrônomo.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. <sup>a</sup> Avani Terezinha Gonçalves Torres

**Orientadora**

---

Prof. Dr. <sup>a</sup> Nicole Louise Macedo Teles de Pontes

**Examinadora**

---

Prof. Dr. <sup>a</sup> Rosa Honorato de Oliveira

**Examinadora**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me concedido saúde e perseverança ao longo do curso, mesmo diante das muitas adversidades – ele me deu forças.

Aos meus pais, *Valdenoura Maria Cordeiro de Sousa* e *Cicero de Sousa Santos*, ao meu irmão *Joaquim Cordeiro* e minhas irmãs (*Patrícia, Adriana, Patriciane, Valdenice, Valdiene, Vanice, Luciana*) por tudo o que me ensinaram e por sempre terem acreditado em mim e no meu potencial durante toda a minha formação acadêmica e pessoal superando todas as adversidades, que não foram poucas, e me deram forças para chegar até aqui e dizer que consegui.

Aos meus sobrinhos *Bruno Silva, Luana Santos, Manuela Silva, Rafaela Sousa* e *Leticia Santos* (In memoriam) por me fazer crescer cada vez mais como pessoa.

Aos meus cunhados *Fabiano Batista* e *Tiago Silva* por toda a ajuda durante o curso. A *Ana Evelyn Rodrigues*, por todo o apoio e participação no decorrer desse trabalho cuja participação foi de extrema importância.

A professora *Dr<sup>a</sup> Avaní Terezinha Gonçalves Torres* que foi uma cúmplice orientadora do presente trabalho e se tornou referência como profissional e como pessoa para mim. Agradeço a banca avaliadora por ter aceitado o convite e pela colaboração desta pesquisa de conclusão de curso.

Agradeço a todos os agricultores e agricultoras que participaram dessa pesquisa, que depositaram sua confiança em mim para retratar o Município de Santa Cruz da Baixa Verde através das suas histórias de vida.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas de profissão que estiveram comigo antes e durante a conclusão do curso. *Maciel Cordeiro, Elisângela Alves, Maria Aiane, Darlene Morato, Cyntia Pereira, Jéssica Siqueira*, aos integrantes do grupo Linha de Frente (Meu grande amigo *Antonio Marcos, Baltazar Cirino, Cleber Pereira e Fábio Heráclito*), *Lauizy Andrade* que se tornou uma amiga que vou levar para o resto da vida, aos meus amigos *Antônio Carlos e Carlos Alberto* e a todos os meus colegas de turma.

Por fim agradeço a todos e a todas que de forma direta e indireta me ajudaram durante meus estudos acadêmicos na conclusão do curso de Agronomia.

## **Resumo**

No Semiárido nordestino uma das grandes preocupações para a Economia Regional são os longos anos consecutivos de secas e estiagens. O fenômeno das secas no Nordeste acarretou uma grande massa de emigrantes para outras regiões que não foram afetadas pelos longos períodos de seca e pela escassez hídrica, particularmente às regiões Norte e Sudeste, aumentando significativamente o número dos denominados “flagelados da seca”. Tem-se como objetivo geral relatar como as *Frentes de Emergência* ocorreram no Nordeste brasileiro e em particular no Município de Santa Cruz da Baixa Verde – PE, nas décadas de 1980 e 1990. Os objetivos específicos são: analisar as formas de obtenção de renda familiar no período das Frentes de Emergência (FE), sua importância para a Economia local; relatar os principais problemas e dificuldades encontrados para se alistar nas (FE) do ponto de vista dos trabalhadores a partir da sua memória oral; do cotidiano dos flagelados da seca por meio de revisão historiográfica ; apontar quais os principais programas governamentais voltados para os produtores rurais que contribuíram para matar a fome e sede nos períodos de estiagens prolongadas. Para isso, foram realizados levantamentos bibliográficos das características do Semiárido nordestino, sua forma de povoamento, as características edafoclimáticas pela qual o Semiárido nordestino tem convivido com os grandes períodos de e secas, estiagens e chuvas irregulares. Nos relatos percebeu-se também a diferença entre os trabalhos realizados por homens e mulheres nas (FE), analisando ainda o papel do homem agricultor e da mulher agricultora em meio as condições de seca prolongadas. Nas falas os entrevistados apontam as dificuldades para o alistamento, desde a burocracia quanto a quantidade de pessoas que poderiam ser alistados, os erros nos dados de alistamentos assim como os programas que sucederam . Os relatos apontam a vida áspera no cotidiano das Frentes de Emergência tornando-se notório a necessidade da população por mais benefícios governamentais voltados a (com)vivencia com a seca contribuindo com a permanência do homem no campo.

Palavras-chave: FRENTES PRODUTIVAS, SEMIÁRIDO, SECA.

## ABSTRACT

In the northeastern Semiarid one of the major concerns for the Regional Economy are the long consecutive years of droughts and droughts. The phenomenon of droughts in the Northeast has resulted in a large mass of emigrants to other regions that have not been affected by long periods of drought and water scarcity, particularly in the North and Southeast regions, significantly increasing the number of called "drought flagellated". It is common objective to report how the Emergency Fronts occurred in the Brazilian Northeast and in particular in the municipality of Santa Cruz da Baixa Verde - PE, in the 1980s and 1990s. The specific objectives are: to analyze the ways of obtaining family income in the Period of the Emergency Fronts (EF), their importance of those for the local economy; report the main problems and difficulties encountered to enlist in (EF) from the point of view of workers from their oral memory; of the daily life of drought scourges by historiographic review; point out which are the main government programs aimed at rural producers who contributed to killing hunger and thirst in prolonged drought periods. For this, bibliographic surveys of the characteristics of the northeastern Semiarid were carried out, its form of settlement, the edaphoclimatic characteristics by which the northeastern Semiarid has lived with the great periods of and droughts, droughts and irregular rains. In the reports, it was also noticed the difference between the work carried out by men and women in (EF), also analyzing the role of the farmer man and the farmer woman in the midst of prolonged drought conditions. In the statements the interviewees point out the difficulties for enlistment , since bureaucracy as to the amount of people who could be listed , errors in the listling data as well as the programs that succeeded . The reports point to rough life in the daily life of the Emergency Fronts, becoming notorious the need of the population for more government benefits aimed at (com)experiences with drought contributing to the permanence of man in the field.

Keywords: PRODUCTIVE FRONTS, SEMIARID, DROUGHT.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1- Imagem da barragem construído por agricultores durante a Frente de Emergência de 1983 no Sítio Baixio da Carnaúba, Município de Serra Talhada. Imagem de 2019. ....	22
Figura 2- Agricultoras grávidas trabalhando na Frente de Emergência na seca de 83.....	25
Figura 3: Mapa de localização do Município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE.....	26

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Secas registradas no polígono das secas no semiárido brasileiro.....	17
Tabela 2- Questionário do(a) Trabalhador(a) das Frentes de Emergência.....	43

## **LISTA DE SIGLAS**

ASA- Articulação Semiárido Brasileiro

DNOC'S- Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

EMATER-PE- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Pernambuco

FE- Frentes de Emergência

FIDEM- Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IOCS- Inspetoria de Obras contra as Secas

LAFEPE- Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco

PRONAF- Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SCBV- Santa Cruz da Baixa Verde

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUDENE- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UAST- Unidade Acadêmica de Serra Talhada

UFRPE- Universidade Federal Rural de Pernambuco

## Sumário

1. INTRODUÇÃO .....	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	16
2.1. CARACTERÍSTICAS DO SEMIÁRIDO NORDESTINO .....	16
2.2. AS SECAS E ESTIAGENS OCORRIDAS NO NORDESTE.....	19
2.3. O PAPEL DOS HOMENS E MULHERES NAS <i>FRENTES DE EMERGÊNCIA</i> NO SEMIÁRIDO NORDESTINO .....	24
3. DESCRIÇÃO GEOFÍSICA DO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE-PE 26	
3.1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA.....	26
3.2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	27
4. METODOLOGIA .....	29
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	37
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	39
8. APÊNDICES .....	43
APÊNDICE A .....	43
APÊNDICE B- ENTREVISTA TRANSCRITA DA AGRICULTORA 1 .....	48
APÊNDICE C- ENTREVISTA TRANSCRITA DO AGRICULTOR 7.....	50
APÊNDICE D- ENTREVISTA TRANSCRITA DA AGRICULTORA 8.....	52
APÊNDICE E- ENTREVISTA TRANSCRITA DA AGRICULTORA 9.....	54
APÊNDICE F- ENTREVISTA TRANSCRITA DO AGRICULTOR F .....	57
APÊNDICE G- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL.....	58
APÊNDICE H- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL.....	59
APÊNDICE I- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL .....	60
APÊNDICE J- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL .....	61
APÊNDICE L- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL .....	62
APÊNDICE M- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL .....	63
APÊNDICE N- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL.....	64
APÊNDICE O- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL.....	65
APÊNDICE P- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL .....	66
APÊNDICE Q- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL.....	67

## 1. INTRODUÇÃO

No Semiárido nordestino uma das grandes preocupações para a economia regional são os longos anos consecutivos de secas e estiagens. As ciências sociais utilizam, entre outros, como meio de estudos a análise do desenvolvimento social, político, econômico, histórico e cultural de uma Sociedade. Estudos apontam que desenvolvimento das primeiras grandes civilizações surgiram de modo geral, por grupos de nômades que se fixaram em um determinado local, com condições favoráveis para desenvolver a agricultura, formando as primeiras aldeias organizadas e as primeiras cidades, do processo civilizatório (VIRTUOUS, 2009). Os indivíduos permaneciam próximos a fontes hídricas ou eram obrigados a migrar para outras regiões que apresentassem condições climáticas favoráveis para a realização de práticas agrícolas.

No Brasil, particularmente no Nordeste Brasileiro, os municípios que enfrentam problema de escassez hídrica vêm ganhando espaço na mídia mostrando a realidade dos problemas que a população sofre nos longos períodos de secas e estiagens. Os espaços rurais e urbanos passaram por modificações diferentes ao longo do desenvolvimento das civilizações, mas sempre mantiveram a dependência um pelo outro. “A antiga concentração das atividades agrícolas nas áreas rurais e da manufatura nas cidades é cada vez menos marcada por uma diferenciação de estrutura das atividades econômicas e sociais desenvolvidas nas áreas urbanas e rurais.” (BALSADI,2001).

Na atualidade o que causa grande preocupação ao setor agrícola, e que vem causando impactos e modificações geográficas, são os longos anos consecutivos de secas e estiagem que atuam no Semiárido nordestino o que leva a sociedade desta região a se adaptar as condições que a natureza impõem sobre ela.

As primeiras ações de Estado dirigidas para minimizar o flagelo das secas no Brasil foram denominadas Frentes Produtivas, Frentes de Trabalho ou Frentes de Emergências. Esse programa surgiu no município de Santa Cruz da Baixa Verde- PE em 1980 e devido a sua eficácia em minimizar o flagelo da seca, através da geração de emprego aos agricultores (as) no período de escassez hídrica. Segundo o DIÁRIO DE PERNAMBUCO, (1980):

“A indústria da seca mudou de nome agora é Frente de Emergência. Em Carnaíba líderes camponeses denunciaram manobras de políticos pernambucanos para manipular o alistamento das Frentes em proveito de seus interesses eleitorais; no Rio Grande do Norte, o presidente da Federação dos trabalhadores na agricultura anunciou que vai deixar de fazer apelo as

autoridades e lutar sozinho, com seus companheiros, contra os efeitos da estiagem.”

A medida que ocorria um longo período de estiagem o Estado oferecia postos de trabalho para atender uma maior quantidade de beneficiários, não só com intuito de minimizar o sofrimento e a fome no Nordeste como também à evitar o êxodo aos grandes centros. Cada município adotava uma denominação para essa política, em Santa Cruz da Baixa Verde e nos municípios circunvizinhos os habitantes chamavam Frentes de Trabalho ou Frentes Produtivas em outras localidades da região semiárida, atendida pelo programa, existiram variações conforme citado anteriormente.

O fenômeno das secas no Nordeste acarretou em uma grande massa de emigrantes da região Nordeste para outras regiões que não foram afetadas pelos longos períodos de seca e pela escassez hídrica, particularmente às regiões Norte e Sudeste, aumentando significativamente o número de flagelados da seca.

O fenômeno de migração dos flagelados da seca <sup>1</sup>, relatado e divulgado pela mídia falada e escrita, contribuiu para a percepção e desvalorização da capacidade econômica da região Nordeste, particularmente, o Semiárido nordestino. Os habitantes de outras regiões que recebiam esses emigrantes, tinham a visão de uma região obscura, de baixo desenvolvimento, tratando-os como seres inferiores e de baixa qualificação, direcionando-os para trabalhos mal remunerados e por vezes ofereciam por sua força de trabalho, “casa e comida”. Comitadamente, a cultura nordestina foi representada nacionalmente através das músicas do cantor e compositor nordestino Luiz Gonzaga, referência da cultura sertaneja, que retratava nas suas letras a (com)vivência, a realidade sofrida dos sertanejos nordestinos que enfrentavam os problemas com a seca, porém, mantendo a esperança por dias melhores. A música nordestina fortalecia então o arquétipo de miséria, fome e inferioridades dos “flagelados da seca”.

A partir desse contexto, surge a necessidade de mais pesquisas acadêmicas voltadas para a desmistificação da ideia de que a região semiárida nordestina é um lugar de pobreza e miséria, quando muitos mantiveram a ideia de que esta é a principal característica do Nordeste. Para superar os problemas hídricos, nos anos 1970 as ações e discursos dos técnicos era de combate à seca, no entanto, a medida que se percebeu que era inócuo lutar

---

<sup>1</sup> Neste trabalho o termo flagelados da seca refere-se ao grupo de retirantes da região Nordeste para outras regiões devido aos períodos de seca prolongada na região de origem. É importante ressaltar que podem existir definições diferentes em outros materiais e artigos consultados nesse estudo, porém, optou-se por essa interpretação.

contra a natureza era necessárias novas percepções. Buscando sempre as melhores alternativas possíveis percebeu-se que o termo convivência com a seca refletia a realidade, sem esquecer que este é um fenômeno que ocorre frequentemente no Semiárido. Segundo informações da EMBRAPA (2017)

“Desde a década de 1980, entendeu-se que não era possível "combater" ou "enfrentar" a seca. Mudou-se, então, o olhar, aparecendo a palavra "convivência" como mais apropriada. O entendimento é de que, se por um lado o fenômeno natural sempre ocorreu e deverá inclusive se agravar e, por consequência, não dá pra ser combatido, por outro, pode-se desenvolver propostas e experimentar alternativas baseadas na ideia de que é possível e necessário conviver com ele.”

Esses estudos relacionados a vivência dos nordestinos com os longos períodos de secas e estiagem são importantes do ponto de vista histórico, cultural e social de modo a manter viva a memória, história e oralidade. Bem como para que não sejam novamente praticados pelo Estado, pois de um lado favoreceu os possuidores de terras e os próprios agricultores (as) que não possuíam outra forma de subsistência, mas por outro lado se mostrou abusivo diante das condições de trabalhos imposto e a falta de atenção a população durante os períodos consideradas críticos para os sertanejos.

O foco dessa pesquisa ocorre na zona rural do Município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE aonde os trabalhos nas *Frentes de Emergência*, envolvendo a comunidade local, foram vivenciados de forma sólida. Tem-se como objetivo geral relatar como as *Frentes de Emergência*<sup>2</sup> ocorreram no Nordeste brasileiro e em particular no Município de Santa Cruz da Baixa Verde – PE, nas décadas de 1980 e 1990.

Assume-se como objetivos específicos: analisar as formas de obtenção de renda familiar no período as *Frentes de Emergência* durante as décadas de 1980 e 1990, bem como a importância das (FE) na época; Pretende-se também relatar os principais problemas e dificuldades encontrados para se alistar nas *Frentes de Emergência*, do ponto de vista dos trabalhadores, a partir da sua memória oral e de dados disponíveis junto aos órgãos governamentais responsáveis pelos registros nas décadas de 1980 e 1993, no intuito de resgatar a vivência desse fenômeno natural que tanto assola a vida dos

---

<sup>2</sup> Frentes de Emergência (FE) é um programa governamental implantado para amenizar ou eliminar conflitos sociais inevitáveis que explodem quando parte da população tem seu nível de subsistência comprometido. Disponível em: <<http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/30/f1192a-mulher-e-a-emergencia-da-seca-no-nordeste-do-brasil.pdf>> Acesso em 30 nov. 2019.

nordestinos; relatar o cotidiano dos flagelados da seca por meio de revisão historiográfica; para tanto o último objetivo específico procura identificar, através dos depoimentos dos trabalhadores (as)/agricultores (as), quais os principais programas governamentais, voltados para os produtores rurais, que contribuíram no "combate as secas" e períodos de estiagens prolongadas.

Para a construção de ideias a respeito das secas e das ocorrências das *Fretes de Emergência* no Semiárido nordestino é preciso adquirir informações já publicadas por geógrafos, sociólogos, economistas, engenheiros agrônomos e pesquisadores da área para obter um melhor embasamento, através de dados e levantamentos, que enriqueçam esta pesquisa. Essas questões serão melhor consideradas a seguir na fundamentação teórica.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. CARACTERÍSTICAS DO SEMIÁRIDO NORDESTINO**

A região Semiárida do país possui uma extensão total de 982.563,3 km<sup>2</sup>. Dessa área, a Região Nordeste concentra em torno de 89,5% do total, abrangendo a maioria dos estados nordestinos, com a exceção do Maranhão. Subtraída a porção nordestina, ou seja, os 10,5% restantes da área total estão situados na Região Sudeste, no Estado de Minas Gerais, com 103.589,96 km<sup>2</sup>. A Região Semiárida foi delimitada com base na isoietas 3 de 800 mm, no Índice de Aridez de Thorntwaite de 1941 (municípios com índice de até 0,50) e no Risco de Seca (superior a 60%) (CANDIDO, 2017).

A região semiárida brasileira é a maior do mundo e tem uma área de 982.566 Km<sup>2</sup>, que corresponde a 18,2% do território nacional, 53% da região Nordeste e abrange 1.133 municípios. A população do Semiárido é de cerca de 22 milhões de habitantes<sup>4</sup> e dela faz parte a maior concentração de população rural do Brasil assim como é considerada também, a mais habitada porção semiárida do globo. A expressão "Semiárido" indica que se trata de uma região com características que se aproximam da aridez. As razões para isso são várias, especialmente os modos humanos de explorar a terra que a tornaram

---

<sup>3</sup> Numa carta meteorológica, a isoietas é uma linha que une os pontos de uma região onde as precipitações médias são as mesmas para um período considerado. In: <https://www.dicio.com.br/isoietas/>

<sup>4</sup> Os dados desta pesquisa, referentes às informações publicadas no portal do IBGE, são datadas no ano de 2010 devido à ausência de informações mais atualizadas utilizando como base o último Censo Demográfico.

semiárida, aliados à escassez de chuva e ao limitado sistema de armazenamento de água da chuva (BAPTISTA, 2014).

Quando se fala de semiárido logo vem à mente questões que o associam à água, chuva e seca. Normalmente se afirmar que não chove o suficiente, o que é uma verdade relativa, pois existem diferenças marcantes do ponto de vista da precipitação pluviométrica anual de uma região para outra. O Semiárido brasileiro é o mais chuvoso do mundo, porém, as chuvas são concentradas em poucos meses e mais de 90% de suas águas não são aproveitadas em virtude da evaporação e do escoamento superficial (ASA,2014).

Os períodos de secas são comuns na região, muitos dos registros históricos consultados apresentam representações referentes aos períodos estiagem prolongada, que representam o total de secas que ocorreram no Semiárido nordestino, mas que não retratam a quantidade de locais, diga-se áreas afetadas não informando sua abrangência total (Tabela 1).

*Tabela 1- Secas registradas no polígono das secas no semiárido brasileiro.*

<b>Número de secas registradas no polígono das secas no semiárido brasileiro</b>		
<b>Período</b>	<b>Número de secas</b>	<b>Observações</b>
Século XV	5	É o século com menos registros.
Século XVI	9	É o melhor século e mais produtivo.
Século XVII	38	É o início do século mais seco até então registrado.
Século XIX	23	É o século marcado pela diminuição dos períodos de seca.
Século XX	42	Veio a se tornar o pior século em termos de registro de secas.
Século XXI	14	Tudo leva a crer que vai ser o século mais seco da história.

Fonte: GeoEstudo, (2016). Adaptado : Autor (2019)

A partir de dados analisados por instituições presentes no Semiárido é possível afirmar que:

“O Semiárido é um espaço com grande concentração de terra, da água e dos meios de comunicação, que historicamente sempre estiveram nas mãos de uma pequena elite. Essa situação gera níveis altíssimos de exclusão social e de degradação ambiental e são fatores determinantes da crise socioambiental e econômica vivida na região” (ASA, 2019).

Durante muitos anos, os trabalhos agrícolas do Semiárido nordestino, baseava-se em realizar melhorias nas propriedades de fazendeiros e coronéis<sup>5</sup> possuidores de latifúndios e minifúndio que limitava a competitividade pelo mercado de trabalho e o poder de escolha dos agricultores (as), pois estes tomavam como obrigação aceitar o trabalho imposto, caso contrário, os trabalhadores rurais teriam que migrar junto com a sua família para outras localidades que lhe favorecesse melhores condições de vida, tornando-se um flagelado da seca.

Outro fenômeno que assola a população do Semiárido nordestino é a falta de oportunidade de trabalho, seja no setor agrícola, seja em qualquer outra atividade, havendo apenas uma pequena parte da população beneficiada com os empregos que são gerados nessa região. Conforme o IBGE (2010):

“Mais da metade (59,1%) dos brasileiros em situação de extrema pobreza estão no Nordeste. Destes, mais da metade (52,5%) vivem em áreas rurais da região. Olhando para a faixa etária, 4 em cada 10 pessoas extremamente pobres têm entre 0 e 14 anos”

As contradições e injustiças sociais que permeiam a região podem ser percebidas inclusive no acesso à renda, que reflete também uma forte desigualdade de gênero. Segundo dados da ASA (2019):

“Metade da população no Semiárido, ou mais de oito milhões de pessoas, não possui renda monetária ou tem como única fonte de rendimento os benefícios governamentais, a maioria (59,5%) são mulheres. Os que dispõem de até um salário mínimo mensal somam mais de cinco milhões de pessoas (31,4%), sendo 47% mulheres. Enquanto isso, apenas 5,5% dispõem de uma renda entre dois a cinco salários mínimos, a maioria (67%) homens, e dos 0,15% com renda acima de 30 salários mínimos apenas 18% são mulheres.”

Para melhor compreender esse fenômeno se faz necessário compreender como esse fenômeno está historicamente presente considerando as vertentes, histórica, geográfica e social.

---

<sup>5</sup> Coronel é o Chefe político ou latifundiário do interior do país. Por muitos anos assumia-se sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente, os senhores de terras”. LEAL (2019). Disponível em: <<https://www.politize.com.br/coronelismo-entenda-o-conceito/>> Acesso em 30 nov. 2019.

## 2.2. AS SECAS E ESTIAGENS OCORRIDAS NO NORDESTE

O Semiárido nordestino normalmente é caracterizado popularmente como uma região de baixa pluviosidade, chuvas irregulares e má distribuição das chuvas. “Esses efeitos causam o prolongado período seco anual eleva a temperatura local caracterizando a aridez sazonal” (SILVA, 2003).

Devido as irregularidades e as baixas precipitações pluviométricas anuais o Semiárido nordestino é caracterizado como um clima seco e de vegetação adaptada a esse regime de chuva. Segundo SILVA, (2003):

“Um dos fatores marcantes da paisagem do semiárido é a vegetação de caatinga, que na língua indígena quer dizer mata branca. Trata-se de um bioma caracteristicamente brasileiro, com alta biodiversidade, onde se destaca a formação vegetal xerófila (adaptada à seca) com folhas pequenas que reduzem a transpiração, os caules suculentos para armazenar água e as raízes espalhadas para capturar o máximo de água durante as chuvas”

O processo de colonização do Semiárido nordestino não foi fácil, os colonizadores partindo do litoral do Nordeste que apresentava boas condições para o cultivo de diversas culturas, inclusive da cana-de-açúcar, começaram a desbravar o Nordeste a dentro encontrado as características próprias do semiárido. Esse desbravamento tinha como objetivo encontrar condições favoráveis de plantio e criação de rebanhos que se adaptem as condições de seca. Segundo Costa (2009):

“Um outro elemento importante para que o gado se expandisse rapidamente no sertão, foi o clima semi-árido, visto que, o clima seco é mais saudável para o rebanho por dificultar a proliferação de verminose e outras doenças que atacavam o rebanho.”

As fazendas, a partir das secas, frequentes na região começaram a ser formados em torno dos lençóis freáticos que existiam, ficando as outras áreas inutilizadas para a produção agrícola, a não ser para cultivo em sequeiro, consideradas menos produtivas devido ao acesso a água, para os demais agricultores (as) que desejassem cultivar. Conforme COSTA, (2009):

“Visando aproveitar os poucos cursos perenes ou a água proveniente dos lençóis freáticos, foi ao longo dos rios que as fazendas foram se estabelecendo, com suas sedes às suas margens ou nas suas proximidades, motivo pelo qual as várzeas passaram a ser valorizadas em detrimento das caatingas dos interflúvios.”

A população nordestina que dependem da agricultura de subsistência para se alimentar sofre com estes longos períodos de seca, pois as plantas cultivadas não são adaptadas as condições climáticas impostas tendo uma grande perda na produção e elevando os níveis de pobreza da população principalmente neste período. Segundo ANDRADE, (1994):

“A situação de pobreza e miséria assume proporções de calamidade com as frequentes estiagens prolongadas, quando as chuvas são insuficientes ou irregulares para permitir a produção e a subsistência dos sertanejos que, mesmo em anos normais, vivem em condições limite da pobreza.”

Diante da fome, os sertanejos se veem obrigados a aceitar qualquer forma de trabalho com o objetivo de gerar renda, mesmo que seja a mínima possível, para garantir a alimentação familiar durante a seca. Baseado nisto em anos anteriores as Frentes de Emergência que vieram a acontecer na região no século passado (Século XX) os agricultores (as) declarados como agricultor familiar<sup>6</sup>, ou pequeno produtor<sup>7</sup>, buscavam trabalho nas fazendas dos coronéis, que possuíam grandes lotes de terras, latifundiários, por apresentar a necessidade de mão de obra destes trabalhadores “aproveitava-se” dos serviços destes trabalhadores que não tinham outra forma de trabalho monetizado com o apoio do Estado. Mencionado por RIBEIRO, (1995):

“Entre o poder federal e a massa flagelada pela seca medeia, porém, a poderosa camada senhorial dos coronéis, que controla toda a vida do sertão, monopolizando não só as terras e o gado, mas as posições de mando e as oportunidades de trabalho que enseja a máquina governamental. (...) Esses donos da vida, das terras e dos rebanhos agem sempre durante as secas, mais comovidos pela perda de seu gado do que pelo peso do flagelo que recai sobre os trabalhadores sertanejos, e sempre predispostos a se apropriarem das ajudas governamentais destinadas aos flagelados.”

Através das políticas governamentais foram criados Programas de combate à seca em 1970 quando foram criadas as *Frentes de Emergência* e reduzindo a quantidade de agricultores (as) dependentes do coronelismo gerando renda para as famílias afetadas pela

---

<sup>6</sup> A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional. (SAVOLDI, 2010)

<sup>7</sup> Pequeno agricultor é aquele que, residindo na zona rural, detenha a posse de gleba rural não superior a 50 (cinquenta) hectares, explorando-a mediante o trabalho pessoal e de sua família, admitida a ajuda eventual de terceiros, bem como as posses coletivas de terra considerando-se a fração individual não superior a 50 (cinquenta) hectares, cuja renda bruta seja proveniente de atividades ou usos agrícolas, pecuários ou silviculturais ou do extrativismo rural em 80% (oitenta por cento) no mínimo. (MORENO,2018).

estiagem e secas no século passado até os dias atuais, mas que nem todos os municípios e comunidades foram beneficiados.

O processo para dar início as *Frentes de Emergência* não foram fáceis para os/as agricultores (as) devido as exigências impostas pelos órgãos fiscalizadores responsáveis por realizar os alistamentos da população e pelas poucas áreas beneficiadas pelo programa. A pesquisa inicialmente ocupava um papel de piloto, na torcida de todos os envolvidos que os objetivos propostos fossem atendidos e os erros cometidos não se repetissem nos anos seguintes e a quantidade de vagas disponíveis aumentasse, o que realmente aconteceu. O Brasil não estava preparado para a grande onda de seca que assolou a região e prolongou-se por longos períodos após a década de 80 e desde então se tornou mais frequente até os dias atuais. Se o Brasil não estava preparado para enfrentar e combater a seca quem dirá o território do semiárido, que tinha pouca visibilidade em relação as outras regiões para encontrar uma solução para esse problema.

Mediante a grave crise que assolou a comunidade nordestina o Governo Federal adotou como medida ações emergenciais de combate à seca, que foram mal vistos pela população<sup>8</sup>, governantes locais e autoridades que defendiam o projeto de combate e convivência com a seca devido a sua real necessidade, mas que consideravam sem propósito.

Para dar início a esta discussão é preciso a compressão de que cada estado possuía um órgão governamental responsável pelas assistências técnicas aos agricultores (as) e produtores rurais. No Estado de Pernambuco, onde se localiza o Município de Santa Cruz da Baixa Verde, a empresa responsável pela prestação das assistências técnicas na época era a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Pernambuco (EMATER-PE) a qual foi a responsável em designar quais as propriedades seriam beneficiadas nos projetos das *Frentes de Emergência* e como elas seriam realizadas. Outras empresas foram fundamentais para que o projeto pudesse seguir a diante como é o caso do DNOC'S e da SUDENE.

A DNOC'S- Departamento Nacional de Obras contra as Secas teve como função decidir quais as atividades seriam realizadas pelos agricultores para combater a seca.

A SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste é uma autarquia especial, administrativa e financeiramente autônoma, integrante do Sistema de Planejamento e de Orçamento Federal e tem como finalidade promover o

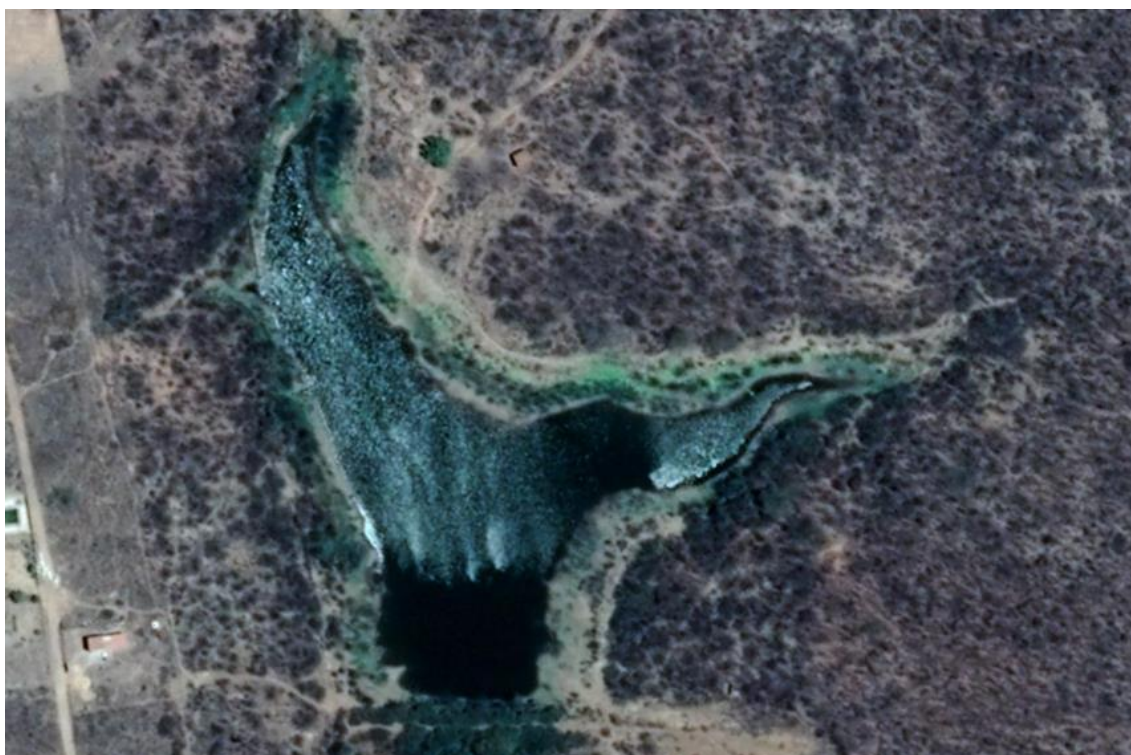
---

<sup>8</sup> Segundo relatos dos entrevistados a população não compreendeu o motivo pelo qual as construções das Frentes de Emergência eram baseadas em obras na construção de barragens e se o principal problema da época era justamente a questão hídrica.

desenvolvimento incluyente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional, vinculada ao Ministério da Integração Nacional. (SUDENE, 2018).

Uma das questões que foram debatidas pelos agricultores (as) de modo geral foram os tipos de obras de engenharia agrícola escolhidos por estas organizações, pois as atividades se baseavam nas construções de barragens, açudes, melhoramento de estradas vicinais e preparo do solo para o cultivo. Estas questões das construções foram bastante discutidas quanto ao objetivo das *Fretes de Emergência*, visto que era real a necessidade da mão de obra para que a geração de renda acontecesse na região, mas estas obras não seriam realmente necessárias devido, justamente, a falta de chuva permanecendo as barragens e açudes secos por muito tempo.

*Figura 1- Imagem da barragem construído por agricultores durante a Frente de Emergência de 1983 no Sítio Baixio da Carnaúba, Município de Serra Talhada. Imagem de 2019.*



Fonte: Google Earth, 2019

O preparo do solo que eram realizadas nas terras dos fazendeiros e coronéis passavam por problemas no repasse de verba para o pagamento, visto que, o governo se responsabilizava em realizar o repasse apenas da metade e o proprietário da área entrar com a outra metade.

Segundo notícias publicadas no Jornal Diário de Pernambuco diante do depoimento do presidente da Emater-PE, Múcio Wanderley pode-se afirmar que:

Na região do Alto do Pajeú onde o número de inscritos alcança o percentual de 55%, sobre o total de inscrito nos 42 municípios, o pagamento nesta primeira fase, foi mais moroso dado ao grande número de trabalhadores inscritos no município e ter, o pagamento, sido iniciado logo em seguida ao encerramento das inscrições, assim, sabes pelo pagamento, preparar com a devida antecedência as folhas de pagamento (Diário de Pernambuco, 1980).

Após a redução da dependência dos (as) agricultores (as) pelos coronéis foram criadas Frentes de Trabalho, desempenhando tarefas de caráter emergencial para a população, ações governamentais para alimentar a indústria da seca, Obras para enfrentar e conviver com a escassez hídrica. Segundo SILVA, (2003):

De modo geral, as ações governamentais de intervenção nessa realidade foram sendo construídas com base nas seguintes características: a) o caráter emergencial, fragmentado e descontínuo dos programas desenvolvidos em momentos de calamidade pública; b) as ações emergenciais que alimentam a “indústria da seca”; e, c) a solução hidráulica, com a construção de obras hídricas, quase sempre favorecendo empreiteiras e a grande propriedade rural. Em todas essas características reproduz-se o uso político do discurso da miséria e do subdesenvolvimento como decorrência direta das secas.

Uma das formas encontradas para gerar emprego para a massa de trabalhadores rurais foi a criação de barragens espalhadas pelo Semiárido nordestino, que pela necessidade de emprego e pela ausência de tempo para recrutar os peões, as barragens podem ter sido construídas sem levar em consideração alguns efeitos das características que afetam as condições técnicas de funcionamento das barragens como, radiação, temperatura, baixas precipitações e elevada evaporação. Conforme ANDRADE, (1973):

“As ações de combate à seca decorriam também de uma visão tecnicista das problemáticas do semiárido. A Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IOCS), órgão governamental de engenharia criado em 1909 para atuar na região, considerava que o combate à seca consistia, sobretudo no armazenamento de água (política de açudagem), esquecendo-se, no entanto, “que a água armazenada era, em grande parte, perdida pela evaporação, em um clima quente e seco”

Seria através dos estudos técnicos, já existentes na época, voltado para construções de barragens, analisar a melhor forma de conduzir estas obras, melhorando a eficiência do programa para os (as) agricultores (as) e produtores afetados pelos efeitos das secas e analisando os principais fatores que interferem de forma direta na perda das águas armazenadas nas barragens.

É importante ressaltar que durante as Frentes de Emergência os homens e mulheres desempenhavam funções diferentes e que ambos os sexos eram de extrema importância para condução das atividades nos canteiros de obra e no papel familiar, o que em seguida será abordado com maiores detalhes.

### **2.3. O PAPEL DOS HOMENS E MULHERES NAS FRENTES DE EMERGÊNCIA NO SEMIÁRIDO NORDESTINO**

Durante as (FE) que ocorriam em vários municípios os trabalhos eram divididos por sexo. Homens desempenhavam funções diferentes das mulheres e o campo de trabalho eram diferentes.

Melo (2003) descreve o descaso como invisibilidade da mulher, relacionado aos programas de *Frentes de Emergência* que se deram na Região Semiárida, embora tivesse participação efetiva mesmo sendo vetada sua participação. Esse gênero era considerado apenas como uma ajudante da família nos períodos de atividades relacionadas às secas e as estiagens.

Segundo depoimento da AGRICULTORA 1<sup>9</sup>, (2019), mãe de família, hoje aposentada descreve as *Frentes de Emergência* como um trabalho árduo, cansativo, principalmente para as mulheres que trabalhavam no Canteiro de obras e tinham que cuidar das crianças que ficavam em casa.

“Pra chegar até o trabalho lá nas Frentes de Emergência eu acordava bem cedinho para fazer a comida, deixava o almoço fervido, e seguia junto com um grupo de mulheres para o trabalho a pé, num percurso de mais ou menos dois quilômetros e com a preocupação de chegar a tempo no local da construção da barragem para não perder a hora para marcar o ponto. Quando chegava a hora de almoço lá prá 11 horas eu terminava de aprontar o almoço, almoçava, e quando dava 13 horas eu voltava pro trabalho para terminar o resto do trabalho do dia. ”. Fonte: Pesquisa de campo 2019.

Neste período era bastante comum que as crianças mais velhas cuidasse das crianças mais novas enquanto os pais trabalhavam, seja nas próprias roças ou nas *Frentes de Emergência*, mas existiam os casos em que as mães que trabalhavam nos canteiros não tinham com quem deixar a(s) criança(s) tendo que leva-las consigo. (Figura 2).

---

<sup>9</sup> A transcrição da AGRICULTORA 1 encontra-se na íntegra no Apêndice B. Pesquisador: Genicélio Cordeiro de Sousa. Santa Cruz da Baixa Verde-PE.

Figura 2- Agricultoras grávidas trabalhando na Frente de Emergência na seca de 83.



Fonte: JUNIOR, 2017.

Segundo o depoimento da AGRICULTORA 9<sup>10</sup>, (2019) e trabalhadora das *Frentes de Emergência* que vivenciou os efeitos da seca descreve esse período como sendo simplesmente difícil para ela, marido e os filhos.

“Eu tinha dois filhos na época e eu levava eles pra barragem, deixava debaixo dos paus e eu ia trabalhar. Eu ia pro trabalho a pé e levava as duas crianças nos braços, eu levava um e as amigas levavam o outro. Ia uma faixa de 12 pessoas na estrada, tudo pro mesmo serviço, minha sogra ia também e ela me ajudava bastante a levar eles também. (...) Eu tinha hora de chegar lá para não perder o ponto, mas a hora de almoçar eu não tinha, o horário de almoço tinha, mas eu não tinha o que comer. Quando nós chegava em casa nos caçava água no pote e nós não achava não.” Pesquisa de campo 2019.

As mulheres passaram a ter maior visibilidade e participação dentro das atividades geradas podendo contribuir com a geração de renda familiar de modo que a profissão de agricultor (a) é concedido para ambos os sexos não ficando a mulher agricultora limitada a realizar apenas as atividades domésticas e cuidados com os filhos, mas tendo maior

<sup>10</sup> A transcrição da AGRICULTORA 9 encontra-se na íntegra no Apêndice E. Pesquisador: Genicélio Cordeiro de Sousa. Santa Cruz da Baixa Verde-PE.

participação nas práticas agrícolas e de melhoramentos de rodovias através dos programas de *Frentes de Emergência*.

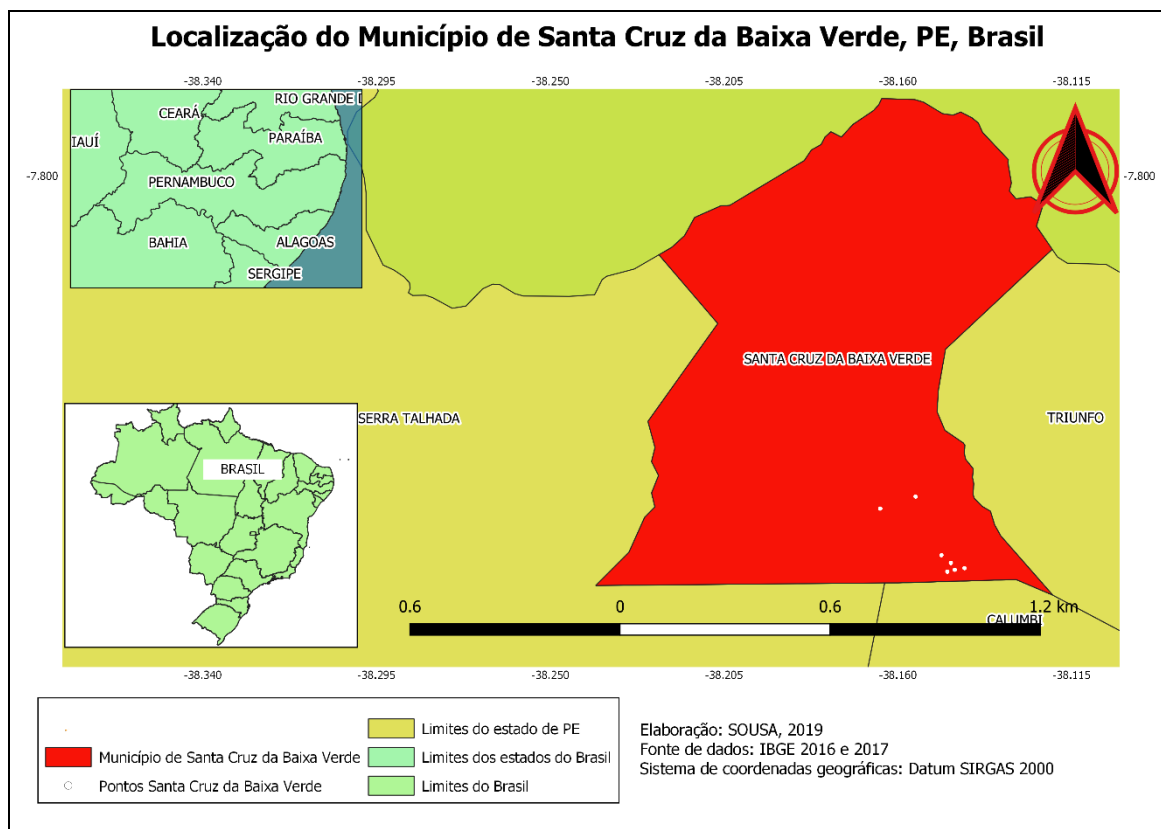
A seguir serão abordadas as características do município de Santa Cruz da Baixa Verde, local de referência desta pesquisa e sua contextualização histórica.

### 3. DESCRIÇÃO GEOFÍSICA DO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE-PE

#### 3.1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O município de Santa Cruz da Baixa Verde localiza-se geograficamente na Mesorregião do Sertão pernambucano e na Microrregião do Pajeú, no norte do estado de Pernambuco. Limita-se com os municípios de Triunfo, Serra Talhada e Manaíra. Territorialmente Santa Cruz da Baixa Verde possui uma área de 90,8 Km<sup>2</sup>. Encontra-se entre as coordenadas geográficas Latitude 07° 49' 14" E, Longitude 38° 09' 10" S a sede municipal encontra-se a uma altitude de 850 metros em relação ao nível do mar (IBGE, 2010) - (Figura 3).

Figura 3: Mapa de localização do Município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE



Fonte: AUTOR, 2019.

Sua distância da capital pernambucana Recife é de aproximadamente 360 km. Santa Cruz da Baixa Verde está estabelecida na área de abrangência do Semiárido brasileiro definida pelo Ministério da Integração Nacional tendo como critério de delimitação os índices de pluviometria, de aridez e o risco de seca.

### **3.2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA**

Segundo IBGE (2010) a formação territorial do Município de Santa Cruz da Baixa Verde ocorreu no ano de 1911, anteriormente pertencia ao município de Triunfo (PE). O município de Triunfo e distrito de Santa Cruz da Baixa Verde foram assim denominados nos anos de 1936 e 1937, respectivamente. Após este período, por ordem de um decreto estadual nº 10.6201 novamente ocorreram mudanças no nome e no domínio político administrativo. Triunfo passa a ter a denominação de Baixa Verde e o distrito de Baixa Verde passou a ser denominada de Brocotó. Várias outras mudanças ocorreram com o tempo. Brocotó, que era distrito do município de Triunfo, passou a ser Santa Cruz da Baixa Verde. E o Município de Baixa Verde retorna ao nome original, Triunfo. Ainda segundo o IBGE, (2010):

Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o distrito de Santa Cruz da Baixa Verde figura no município de Triunfo. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960. Elevado à categoria de município com a denominação Santa Cruz da Baixa Verde, pela lei estadual nº 4973, de 20-12-1963, desmembrado de Triunfo. Sede no antigo distrito de Santa Cruz da Baixa Verde. Constituído de 2 distritos: Santa Cruz da Baixa Verde e Jatiúca. Desmembrado de Triunfo.

Santa Cruz da Baixa Verde conseguiu sua emancipação política em 1963, mas ainda apresentava grande dependência da estrutura do Município de Triunfo, inclusive nas organizações das *Frentes de Emergência*, O Município de Triunfo era responsável pelos alistamentos do município de Santa Cruz da Baixa Verde devido à falta de estrutura.

De início, seu desenvolvimento foi lento, porém constante. De identidade econômica agrária fortemente atrelada da produção de milho e feijão e ao cultivo de cana-de-açúcar, Santa Cruz da Baixa Verde hoje é uma das maiores produtoras de rapadura do país, assim ganhou projeção. (SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE, 2015).

## Ainda de acordo com o Plano Municipal de Educação e Cultura do Município de Santa Cruz da Baixa Verde

“A fertilidade dos solos do Município de Santa Cruz da Baixa Verde é descrita como um solo fértil que reflete no verde dos canaviais. “ A nossa Cana-de-açúcar é de tão boa qualidade, que torna nossa “terra doce”. O doce da terra é a rapadura, que nos meados do século XX o Professor Amaury de Medeiros, citava nos seus estudos como fonte potente de ferro que prevenia o homem do Sertão de doenças anêmicas. O domínio do fabrico da rapadura é tanto, que poucos são os santa-cruzenses que são incapazes de descrever o seu processo produtivo. O povo convive de forma direta com a rapadura, que o município ostenta se projetar no cenário nacional como a “Capital Nordestina da Rapadura”. O referido propósito deu origem a Feira da Rapadura do Nordeste, que teve sua primeira edição no ano de 1996, contando com o apoio decisivo dos Governos Estadual e municipal e de renomadas entidades, como: SEBRAE, LAFEPE e FIDEM.”

Santa Cruz da Baixa Verde é conhecida em todo o Brasil como a “Capital Nordestina da Rapadura”, por produzir a maior rapadura orgânica do mundo pesando exatamente 5.000 kg e tendo uma quantidade satisfatória de 23 engenhos, 47 fornalhas, gerando em torno de mil empregos diretos que atuam desde a plantação da cana, passando pela colheita até a produção da rapadura e outros derivados. ” (SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE, 2015).

A cultura da cana de açúcar, assim como os engenhos estão entrelaçados a cultura do município, da região e do país. Devido a sua importância produtiva, cultural e histórica nova pesquisa vem sendo desenvolvidas para encontrar uma melhor forma de produção, beneficiamento e comercialização da cana-de-açúcar e de seus derivados. Segundo LIMA (2011)

“Na região de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, as mudanças são mais discretas, mas está em andamento um programa de apoio a produção de rapadura, articulado pelo SEBRAE junto com o Governo do Estado e Universidade Federal Rural de Pernambuco, o qual vem prestando assistência técnica mais regulamente, havendo linhas de financiamento para compra de alguns equipamentos. ”

Embora Santa Cruz da Baixa Verde possua uma significativa ocupação na zona urbana, a Economia do município gira em torno da agricultura através da produção de cana-de-açúcar e Fruta-do-conde que são produzidos através da agricultura familiar com objetivo de melhorar a renda, porém não contam com programas que auxiliem com financiamento da produção dos (as) agricultores (as), exceto o Programa de

Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) que contribui com as práticas de cultivo da cana-de-açúcar e de outras culturas agrícolas no município.

Em algumas comunidades a economia gira em torno da pecuária através da criação de bovinos, caprinos e ovinos em maior quantidade que contribui om a geração de renda familiar. Conforme PE-AZ, (2019):

“A economia de Santa Cruz da Baixa Verde está baseada na agropecuária. Na agricultura predominam a cana-de-açúcar, o milho, o tomate, a banana e o café. Na pecuária prevalecem a caprinocultura e a bovinocultura. Outro destaque da economia municipal é a agroindústria de produtos alimentícios, sobretudo a rapadura que é um tradicional doce nordestino fabricado a partir do mel extraído da cana-de-açúcar.”

O Município de Santa Cruz da Baixa Verde possui uma população de aproximadamente 11.768 habitantes distribuídos numa área de 114,932 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010). Apesar de aparentar uma quantidade significativa de moradores na zona urbana ainda é muito grande a quantidade de moradores que ocupam a zona rural, movimentando a economia no setor agrícola do município.

A seguir serão apresentados os caminhos da pesquisa através dos procedimentos metodológicos, adotados para o planejamento e obtenção dos resultados.

#### **4. METODOLOGIA**

A pesquisa foi dividida em partes que ao todo representa a interligação da temática que vai desde a caracterização das áreas em que as *Frentes de Emergência* ocorreram, pesquisas bibliográficas limitadas as informações da época tendo em vista a participação de trabalhadores rurais do Município de Santa Cruz da Baixa Verde- PE nas (FE) buscando registros históricos e a memória oral destes trabalhadores.

Na primeira parte dos procedimentos metodológicos foram realizados levantamentos bibliográficos das características do Semiárido nordestino e a sua forma de povoamento. Em uma segunda parte, foi abordado as características pela qual o

Semiárido nordestino tem como características edafoclimáticas<sup>11</sup> apontando os grandes períodos de e secas, estiagens e chuvas irregulares informando, inclusive , alguns períodos históricos de secas muito prolongadas que marcaram a população local. A última parte foi abordado a diferença entre os trabalhos realizados por homens e mulheres nas *Frentes de Emergência*, analisando ainda o papel do homem agricultor e da mulher agricultora e dona de casa em meio as condições de seca prolongadas.

O pesquisa, também foi embasado em levantamento bibliográfico de situações referentes a época de secas em que as *Frentes de Emergência* ocorreram, por meio da coleta de dados, das entrevistas realizadas com agricultores (as) do município que participaram ativamente dessas (FE). Os depoimentos ocorreram não só por meio de entrevistas, mas também, por aplicação de questionário. Alerta-se que assumiu-se como escolha metodológica relatar os depoimentos da forma que o entrevistado ou a entrevistada contextualizou não alterando os vícios de linguagem. Conforme André (2005, p.51)

“Fazer uma pesquisa dessa natureza, há de considerar três grandes formas de coleta de dados: (1). Fazer perguntas (e ouvir atentamente); (2). Observar eventos (e prestar atenção nas circunstâncias mais adequadas em que ocorreu o evento); (3). Ler documentos, nesse caso documentos oficiais sobre a realidade vivenciada pelo município em estudo. ”

A pesquisa ocorreu no município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE através do uso de questionário semiestruturado, no qual sua aplicação se deu entre os meses de setembro à novembro de 2019, ao grupo alvo composto por homens e mulheres que atuaram nas *Frentes de Emergência* que ocorreram no local desde 1980. “Cabe ressaltar que a amostra será por tipicidade, que por algum fenômeno não é possível trabalhar com todo o grupo, mas é possível trabalhar com um subgrupo que seja típico que representa as reais condições de um grupo como o todo. ” OLIVEIRA, (2001).

Os recursos utilizados para a realização da pesquisa foram questionários previamente estruturado, registros fotográficos, digitais e/ou documentos guardados por homens e mulheres que participaram das *Frentes de Emergência* e, como forma de comprovação da sua participação, apresentou o pesquisador durante os trabalhos de

---

<sup>11</sup> Refere características definidas através de factores do meio tais como o clima, o relevo, a litologia, a temperatura, a humidade do ar, a radiação, o tipo de solo, o vento, a composição atmosférica e a precipitação pluvial.

campo. A pesquisa abrangeu uma quantidade total de 10 agricultores sendo 06 (seis) do gênero feminino e 04 (quatro) do gênero masculino.

Escolheu-se trabalhar com informações gerais de todos os entrevistados. Alguns deles optou-se em apresentar seus relatos na íntegra de acordo com as perguntas do questionário. Entretanto, os nomes foram ocultados para preservar a imagem dos (as) entrevistados (as) utilizando em ordem sequencial e numérico os nomes de Agricultor 1, Agricultor 2 e assim sucessivamente.

No tópico Apêndice, constam os depoimentos na íntegra como também os termos de autorização de concessão gratuita de direitos de depoimento oral dos agricultores (as), bem como o questionário estruturado. A partir dos dados obtidos, através da aplicação dos questionários, e das entrevistas semiestruturadas foi possível a obtenção de resultados que serão descritos e analisados a seguir.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os agricultores e agricultoras entrevistados, de uma forma geral, apresentaram basicamente o mesmo perfil socioeconômico tanto nas décadas em que as Frentes de Emergência ocorreram, quanto na atualidade. Os sujeitos da pesquisa podem ser caracterizados com pessoas que pertencem a famílias humildes, de baixa renda e na totalidade todos são analfabetos. Eles e elas buscavam uma oportunidade de alistamento como uma das poucas possibilidades existentes para sobreviver. Praticamente todos os participantes da pesquisa encontra-se em condições financeiras estáveis não sendo mais dependentes de políticas públicas semelhantes aos das (FE) que não atendiam a contento. Porém, isso não significa na atualidade, uma ampla cobertura ou mesmo a segurança de permanência de políticas públicas diante do atual quadro político, tipicamente liberal, que vem dia a dia cortando verbas direcionadas a promover equidade social, em particular no Nordeste brasileiro.

Os agricultores e agricultoras da referida pesquisa relataram as principais formas de obtenção de renda durante as décadas de 1980 e 1990 nas Frentes de Emergência.

“Durante os períodos chuvosos que ocorriam na época os trabalhos se concentravam no cultivo das roças em áreas próximas as residências ou em áreas mais distantes que por vezes pertenciam a terceiros. Segundo

Informações extraídas dos questionários o perfil dos agricultores (as) são todos casados (as), autodeclarados pardos sendo 80% naturais do município de Triunfo (PE) e 20% do município de Serra Talhada, todos filhos de agricultores (as) no qual 70% São analfabetos e 30% possui o ensino fundamental incompleto. Dos (as) entrevistados (as) 100% trabalharam em roças, sejam em terras próprias ou em terras de terceiros e 40% dos entrevistados trabalharam em engenhos para complementar a renda. Dentre as políticas públicas voltadas para os agricultores familiares 100% deles foram beneficiados pelo Programa Um Milhão de Cisternas e pouco menos de 50% dos entrevistados possuíram ou possui outros programas como Bolsa Família, Bolsa Escola, Fome Zero e o programa uma Terra e Duas Águas. ” Fonte: Pesquisa de Campo (2019).

Ainda sobre os dados obtidos na pesquisa de campo e depoimentos dos agricultores sobre as formas de produção, por gênero, caracterizada pela dupla ou tripla jornada das mulheres. Apesar de não ser um dos objetivos da pesquisa, mesmo com uma baixa representação na amostra, vale destacar os papéis bem definidos, marcadamente caracterizado pelo patriarcado do século passado:

A AGRICULTORA 1 afirmou que : “Quando eu trabalhava só nos monturos<sup>12</sup> de casa, com a agricultura familiar, dava para conciliar o trabalho na roça com os cuidados da casa e das crianças e assim a gente ia tirando o que comer. ” PESQUISA DE CAMPO (2019).

Quando o período de seca se mostrou de forma severa, sendo necessário a intervenção federal, as Frentes de Emergência tornaram-se a única fonte de renda para vários agricultores do município de Santa Cruz da Baixa Verde e região. Como afirma a AGRICULTORA 9, (2019):

“O dinheiro que eu recebia da Emergência só dava mesmo pra comida, que era feijão e milho pra fazer o cuscuz e fubá que eu comprava nas bodegas que tinha por aqui no sítio Arado. As coisas eram muito caras e se comprasse alguma coisa hoje os donos das bodegas não anotavam o preço não, anotava que era um quilo porque amanhã já tava mais caro.” Fonte: Pesquisa de campo 2019.

Ainda sobre as entrevistas relatando sobre as principais formas de obtenção de renda nos períodos de secas e estiagens prolongadas, o Agricultor 7<sup>13</sup>, (2019) afirma que:

“Na época o valor era muito pouco, acredito que na época não chegava nem a meio salário mínimo, mas apesar de ser pouco era o que tinha pra sustentar a família. Sempre procurei alguma forma de não deixar faltar a comida. O feijão e a farinha nunca faltaram, mas arroz era as vezes e a carne naquela época nem pensar, por quer não dava pra comprar. Quando não tinha as *Frentes de Emergência* eu me virava, trabalhando nos engenhos no brejo, trabalhava nos dias de folga, trabalhar alugado, fazendo bico nas roças de outros agricultores. ” Fonte: Pesquisa de campo 2019.

<sup>12</sup> Aglomeração de lixo, coisas insignificantes e/ou velhas; monte de objetos desnecessários. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/monturo/>

<sup>13</sup> A transcrição da AGRICULTORA 7 encontra-se na íntegra no Apêndice C. Pesquisador: Genicélio Cordeiro de Sousa. Santa Cruz da Baixa Verde-PE.

AGRICULTORA 8, (2019) reforça a dificuldade na geração de renda informada pelos agricultores (as) citados anteriormente:

“Eu desde criança que ia pra roça, depois dos 10 anos já tava “ajudano” os pais e nunca tive a oportunidade de estudar porque era difícil por conta da pobreza e porque eu fui ajudar a minha mãe a cuidar dos meus irmãos enquanto minha mãe negociava, de vez em quando ela comprava e vendia um franguinho ou um ovo pra ajudar em alguma coisinha dentro de casa e eu cuidava das crianças, dos meus irmãos. Aqui não tinha escola, ai a vida era sofrida! E quando eu não tava trabalhando na Frente de Emergência eu trabalhava cuidando na roça, trabalhava em casa, cuidava dos filhos. O que a gente recebia nas *Frentes de Emergência* era muito pouco, não dava pra quase nada e as vezes a gente era obrigado a receber um feijão- preto como forma de pagamento e a gente ia comendo, de vez em quando a gente ia nas bodegas e comprava um pacote de bolacha, um café um sabãozin pra lavar as roupas, aí o dinheiro acabava.” Fonte: Pesquisa de campo 2019

No mesmo período de seca ainda existiam agricultores com melhores condições financeiras que ofertavam trabalhos aos demais agricultores (as), muitas vezes aproveitando-se da situação vulnerável economicamente, abrindo margem para o trabalho abusivo. Como relata o AGRICULTOR 10, (2019):

“Eu também trabalhei nas roças mais o pessoal que tinha condição financeira pra pagar a diária, cortando madeira por cima das serras e carregando nas costas, era um “trupé”, impeleitava a construção de cercas de pedra, pra arrancar pedra colocando as pedras que eu conseguia com maior facilidade no trilho da pedra e quando eu não podia tinha que primeiro quebrar de marreta pra depois levar pro trilho da cerca. Era um negócio brabo.” Fonte: Pesquisa de campo 2019.

Apesar dos problemas que ocorreram decorrentes das secas, dos canteiros de obras, da fome, das explorações, os agricultores (as) têm a total convicção da importância das Frentes de Emergência em suas vidas pelas circunstâncias em que viviam. “A Frente de Emergência era o meio que a gente tinha de arrumar dinheiro, mas boa não era não. Eu trabalhei bastante construindo a parede da barragem, “apilando<sup>14</sup>” ela com picareta.” (AGRICULTOR 7, 2019).

Os trabalhos desenvolvidos na época pelas empresas parceiras do Governo Federal contribuíram para melhorar as condições de vida e possivelmente nos anos posteriores as construções das barragens as chuvas viessem e trouxessem consigo melhorias para o povo nordestinos assolados pela seca.

---

<sup>14</sup> Linguagem regional utilizada para referir-se à compactação do solo.

O primeiro processo para fazer parte do programa era realizar a entrevista para o alistamento. Uma atividade comum para coleta de dados dos agricultores (as), mas tinha como obstáculo a longa distância do posto de alistamento e a falta de transporte para a locomoção dos agricultores (as) do município de Santa Cruz da Baixa Verde até o município de Serra Talhada (PE), local em que o posto de coleta de dados estava situado. “ Não foi muito fácil me alistar, tive que dar três viagens para conseguir se alistar e a quantidade de pessoas que tinham era bastante o que dificultava ainda mais por conta da demora pra atender a todo mundo. ” (AGRICULTOR 7, 2019)

Outro aspecto que dificultava o alistamento era a burocracia quanto a quantidade de pessoas que poderiam ser alistados por domicílio. Conforme AGRICULTORA 9<sup>15</sup> (2019):

“A dificuldade era muito grande para poder se alistar porque se tivesse duas pessoas da mesma casa alistado não pegava as duas pessoas eles só pegavam um, mas como a minha precisão era tanta eu cheguei em Serra Talhada e disse que eu era separada sem ser. Cheguei lá no escritório e me perguntaram qual era o meu problema e falei que tava em busca de me alistar porque tava como muita precisão e me perguntaram em seguida se tinha alguém de casa alistado e eu disse que tinha o meu marido. E me disseram que não pode, mas eu já fui no plano, aí disse que era separada sem ser, depois disso ele fez os papeis do alistamento tranquilo. ” Fonte: Pesquisa de campo 2019

Após o processo de alistamento novas dificuldades surgiram para os agricultoras, ficou notadamente explícito que as políticas não consideravam a necessidade das mães que não tinham com quem deixar os seus filhos para serem cuidados, sendo obrigada a levar consigo para o canteiro de obras como relatou a AGRICULTORA 9, (2019):

“Eu tinha dois filhos na época e eu levava pra barragem, deixava debaixo dos paus e eu ia trabalhar. Eu ia pro trabalho a pé e levava as duas crianças nos braços, eu levava um e as amigas levavam o outro. Ia uma faixa de 12 pessoas na estrada, tudo pro mesmo serviço, minha sogra ia também e ela me ajudava bastante a levar eles também. ” Fonte: Pesquisa de campo 2019

Os erros nos dados de alistamentos e de registros de pontos, eram outros problemas relatados nas entrevistas. Quando não apontadas as horas trabalhadas, interferiam no valor da renda que seria recebida pelos agricultores (as), visto que o valor recebido era por produção. Segundo AGRICULTORA 1, (2019):

Para conseguir me alistar na Frente de Emergência foi bastante difícil, mas após conseguir o alistamento trabalhei durante um mês completo e no

---

<sup>15</sup> A transcrição da AGRICULTORA 9 encontra-se na íntegra no Apêndice E. Pesquisador: Genicélio Cordeiro de Sousa. Santa Cruz da Baixa Verde-PE.

momento do pagamento constava que eu não estava alistada, depois disso “pelejei” várias vezes para me alistar, mas não consegui, só depois meu marido conseguiu uma vaga, mas somente com a renda da frente de emergência era baixa ele precisava trabalhar na roça e eu as vezes ficava no lugar dele trabalhando nas construções. Fonte: Pesquisa de campo 2019.

A vivencia dos nordestinos pobres com a seca eram basicamente a mesma, pouco diferenciava as condições de vida dos agricultores (as). Dentre todas as entrevistas realizadas nesta pesquisa a que melhor resume a situação dos agricultores (as), abrangendo os casos descritos pelas demais, foi o desabafo de uma mãe que relatou o cotidiano durante as décadas de 1980 e 1990. Conforme AGRICULTORA 8, (2019):

“Em 1993 aqui teve uma seca tão terrível que eu sabia que não tinha, mas eu caçava um farelo de açúcar nas latas e não achava não, e eu não podia fazer nada ficava só na vontade de comer e passava fome. As vezes a gente almoçava uma vez na casa do meu irmão que estava em São Paulo e as vezes mandava um dinherin ai a esposa dele fazia umas comprinha e quando dava nós comia com ela, a gente ia comendo todo mundo junto porque a gente não sabia como ia ser no “ôto” dia. O que a gente recebia nas *Frentes de Emergência* era muito pouco, não dava pra quase nada e as vezes a gente era obrigado a receber um feijão- preto como forma de pagamento e a gente ia comendo, de vez em quando a gente ia nas bodegas e comprava um pacote de bolacha, um café um sabãozin pra lavar as roupas, ai o dinheiro acabava. Já passei muitos e muitos dias de fome sem ter nada, as vezes, mas dificilmente aparecia um feijão, um andú(...)

Andú as vezes a gente botava no fogo, era mal cuidado porque era guardado nos sacos e nos silos e ficavam velhos demais e ficava tudo preto, quando colocava no fogo os cascudos subiam tudo pra cima da água e a sorte era quando tinha pelo menos o sal pra temperar. Ai botava o milho de molho, moía e fazia o cuscuz. As vez a gente tinha essas coisas nas panelas mas a gente não conseguia comer porque era muito ruim e carne não tinha não. Eu passei por essas situações e com dois filhos para criar. Meus filhos não passavam muita fome porque minha mãe tinha umas cabras e a gente cuidava delas e tirava o leite pra eles comer com um angú ou com um cuscuz e era isso o que eu podia oferecer. Era muito difícil a nossa vida no passado. Passamos muita fome, muita necessidade. As vezes a gente não passava fome porque colocava a panela no fogo e saia na casa dos vizinhos caçano um sal pra botar na panela. Se tinha o café não tinha o açúcar e a gente ia pedir aos vizin sem eles ter também, mas sempre que tinha nos dividia e ia se ajudando com uma colher de açúcar pra colocar no café ou uma colher de sal pra colocar na panela. As vezes meu marido ia no dia de domingo pra Jatiúca com um dinheiro bem pouquinho e chegava em casa com meia libra de caroço de café que ainda era pra torrar e fazer o pó do café e dois quilos de açúcar, um pacote de bolacha pros meninos comer na hora e um litro de gás pra botar nos candeeiro e só. Porque a gente antes tinha que comprar ao menos meio litro ou um litro de gás pra botar no candeeiro<sup>16</sup>, porque na época não tinha energia ai pra nós não ficar no escuro quando anoitecia. Muitas vezes nos já dormimos no escuro porque não tinha a energia e nem o gás pra botar no candeeiro.(...)Meu marido já ficou “nuzin” dentro de casa num dia de domingo, eu tranquei ele dentro de casa e fui lavar a roupa dele porque não tinha roupa, hoje graças a Deus ele tem um monte de roupa, mas ele não tinha uma roupa pra vestir. Tive que deixar ele

<sup>16</sup> **Candeeiro:** aparelho ou utensílio que, por conter um líquido inflamável e um pavio, pode ser usado para iluminar. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/candeeiro/>

dentro de casa e fui pro riacho com um farelo de sabão e a minha como eu nunca gostei de andar suja, quando eu ia lavar as roupas dos panos dos filhos eu tirava a roupa que eu tava e lá no riacho mesmo eu lavava na pedra, espremia e vestia na hora mesmo ela molhada porque a gente não tinha roupa não. Hoje quem não tem o dinheiro pra comprar as coisas é um pouco mais difícil, mas todo mundo dá uma roupa se quer a quem precisa, mas naquela época não tinha não. Naquele tempo eu me lembro que era um dia de serviço por um quilo de toicinho de porco, hoje o quilo de carne de porco é dez reais e um dia de serviço na roça é de quarenta a cinquenta reais, mudou muito. Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Os agricultores (as) que não foram favorecidos pela oportunidade de trabalho em alguma fazenda, ou que não conseguiu serem alistados nas *Frentes de Emergência*, participaram de uma onda de saques em armazéns e bodegas<sup>17</sup> na região em busca de alimento. “Aqui aconteceu saque de armazém e das bodegas do sitio. Eu não participei porque faltou coragem, mas vontade eu tive. Nesse tempo “tava” cheia de menino e nem o saco pra roubar eu tinha.” (AGRICULTORA 9, 2019)

Após a passagem das Frentes de Emergência tornou-se notório a necessidade da população sertaneja por mais benefícios governamentais voltados a (com)vivência com a seca já que a população possuía baixo nível de instrução escolar e renda praticamente não existia.

Novos programas foram criados para atender a maior quantidade de sertanejos e nordestinos que vieram a passar por situações semelhantes ao dos anos 80 e 90 ou que estavam na faixa de extrema pobreza ou pobreza.

Os programas de Fome-Zero, Bolsa-Família, Bolsa-Escola e principalmente o Programa 1 Milhão de Cisternas, distribuídas pelo Semiárido nordestino, foi de extrema importância para conviver com a seca sem sentir tanto os seus efeitos e contribuindo com a permanência do homem no campo. Segundo AGRICULTORA 8<sup>18</sup>,

“ Hoje graças a Deus o tempo é outro, tem água nas torneiras, nos tanques na cisterna que eu recebi pelo programa do governo, água na caixa d’água. Graças a Deus por todo canto a gente tem água armazenada, mas no passado era difícil porque não tinha um poço pra ninguém tirar água. ” Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

<sup>17</sup> **Budega** ou **bodega** (forma correta de escrever) é um pequeno armazém de secos e molhados. É ainda um estabelecimento comercial onde são vendidas refeições e bebida alcoólicas, uma espécie de taberna, muitas vezes com aspecto sujo, normalmente mal frequentada, sem muita higiene, com uma péssima apresentação para os clientes. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/budega/>>.

<sup>18</sup> A transcrição da AGRICULTORA 8 encontra-se na íntegra no Apêndice D. Pesquisador: Genicélio Cordeiro de Sousa. Santa Cruz da Baixa Verde-PE.

Em depoimento a AGRICULTORA 1, (2019) afirma que:

“Depois dessa Frente de Emergência começou a surgir os programas do governo que ajudou muito, como o bolsa família, apesar dos valores serem baixos ajudou bastante as donas de casa com a sexta básica que ao invés de ter que ir para as roças, ficam cuidando da casa e dos filhos, melhorou bastante!”.  
Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

A seguir será apresentados os principais esclarecimentos , no intuito de verificar as metas planejadas à pesquisa, reunidas nas considerações finais.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange os objetivos “analisar as formas de obtenção de renda familiar no período as *Frentes de Emergência* durante as décadas de 1980 e 1990, bem como a importância das (FE) na época” acredita-se que foram atingidos através do depoimento dos agricultores (as) que declararam as principais formas de obtenção e geração de renda. Basicamente, consistiam em trabalhos em engenhos que funcionavam no período, e trabalho em propriedades de terceiros ganhando valores inferiores ao que normalmente o mercado de trabalho pagaria. Foi realizado uma breve síntese do perfil socioeconômico para uma melhor compreensão da realidade dos agricultores (as). Apesar de todo o sofrimento e exploração relatados, visto a necessidade dos agricultores (as), as Frentes de Emergência foram muito importantes para dar uma oportunidade de trabalho para quem não tinha ao menos o básico da alimentação.

No objetivo seguinte , de relatar os principais problemas e dificuldades encontrados para se alistar nas *Frentes de Emergência*, do ponto de vista dos trabalhadores, a partir da sua memória oral e de dados disponíveis junto aos órgãos governamentais responsáveis pelos registros nas décadas de 1980 e 1993. Percebe-se que foi possível resgatar a vivência desse fenômeno natural que tanto assola a vida dos nordestinos. Foram obtidas as informações que apontam as principais dificuldades para conseguir o alistamento estava na quantidade de pessoas por domicílio que poderiam estar se alistando, no qual inicialmente, na década de 1980, poderia ser apenas um representante por residência, porém nas Frentes de Emergência que vieram a ocorrer na década de 1990 ampliaram para até dois representantes por domicílio.

Também foi possível relatar o cotidiano dos flagelados da seca, por meio de revisão historiográfica verificando, através dos depoimentos agricultores e agricultoras, quais os principais programas governamentais voltados para os produtores e produtoras rurais, que contribuíram no "combate as secas" (e na convivência) nos períodos de estiagens prolongadas. Os relatos da pesquisa revelaram o cotidiano dos flagelados da seca, sempre com dias difíceis em busca de melhores condições e que praticamente todos os dias não tinha ao menos o que comer e para beber sendo necessária a disputa nas filas de nascentes de riachos que ainda resistiam à seca para realizar todas as atividades domésticas, necessidades humana e dos animais durante todas as secas que ocorreram nos referidos tempos, na década de 1980 e 1990, como já citados nessa pesquisa. Após esse período novas políticas públicas foram criadas para manter a convivência dos agricultores (as) com a seca como foram os casos dos programas, citados em depoimentos e no questionário, a saber, o Fome zero, Bolsa-família, Chapéu de palha, Garantia Safra e Programa Um Milhão de Cisternas.

Apesar da formulação de novas políticas voltadas para a convivência com a seca, como foi apontado no texto, um novo momento de "estiagem" das políticas públicas rebrota no intuito de ressurgir os instrumentos de dominação política atrelados a miséria desse povo. .

A vida áspera que assolava e assola essas populações que residem nas terras secas os fez resilientes, resistentes e assim como a caatinga que "adormece" em momentos de seca, rebrotam fortes com poucos pingos de água. Euclides da Cunha (1995) já afirmava: "O sertanejo é antes de tudo um forte!". Acredita-se que esse trabalho possa contribuir para um maior conhecimento a respeito das frentes de emergência e dos flagelos nos quais as populações atingidas por esse fenômeno natural vivenciaram. Espera-se também, que novos estudos sejam realizados no intuito de aprofundar esse tema que permanece vivo no cotidiano dos nordestinos do Semiárido brasileiro e em particular, em Santa Cruz da Baixa Verde.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Ligia. A MULHER E A EMERGÊNCIA DA SECA NO NORDESTE DO BRASIL. Disponível em:

<<http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/30/f1192a-mulher-e-a-emergencia-da-seca-no-nordeste-do-brasil.pdf>> Acesso em 30 nov. 2019.

ANDRADE, Manuel Corrêia de. **A terra e o homem no Nordeste**.1973. Brasília: Brasiliense, 1973. 1ª ed. 240 p.

ANDRADE, Manuel Corrêia de. **Análise do Semi-árido Nordestino e a visão da seca**, GTDN da proposta a realidade: Ensaio sobre a questão regional. Recife: Universitária, 1994.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liberlivros, 2005. p. 7-70.

ASA. **SEMIÁRIDO - É NO SEMIÁRIDO QUE A VIDA PULSA!**.2019. Portal Articulação Semiárido Brasileiro. Disponível em <<https://www.asabrasil.org.br/semiarido>>. Acesso em 01 ago. 2019.

BALSADI, OTAVIO VALENTIM.MUDANÇAS NO MEIO RURAL E DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. São Paulo Perspec. [online]. 2001, vol.15, n.1, pp.155-165. ISSN 0102-8839. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000100017>.

BAPTIST, Naidison. **Caracterização do Semiárido brasileiro**. 2014 Portal do Governo Brasileiro. Disponível em <<http://www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/artigos/2014/caracterizacao-do-semiarido-brasileiro>> acesso em 01 ago. 2019.

CANDIDO, Ivandro. **IBGE divulga lista de Municípios localizados na Região Semiárida do Brasil**. Disponível em: <<http://www.cca.ufpb.br/cca/contents/noticias/ibge-divulga-lista-de-municipios-localizados-na-regiao-semiarida-do-brasil>>. Acesso em 02 ago. 2019.

COSTA. Antonio Albuquerque da. **Formação Territorial do Brasil**. Campina Grande-PB. EdUEP. 2009.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 179-180.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO; Recife, 27 de junho de 1980 - ano 155. Disponível em <[http://memoria.bn.br/docreader/029033\\_16/10198](http://memoria.bn.br/docreader/029033_16/10198)>.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Budega**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/budega/>> . Acesso em 05 dez. 2019.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Candeeiro**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/candeeiro/>> . Acesso em 05 dez. 2019.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Isoieta**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/isoieta/> . Acesso em 05 dez. 2019.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Monturo**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/monturo/>> . Acesso em 05 dez. 2019.

EMBRAPA. **Convivência com a seca**. 2017. Acesso em: 28 nov. 2019. Disponível em: < <https://www.embrapa.br/tema-convivencia-com-a-seca/perguntas-e-respostas> >

GEOESTUDO. MELO, Natalício de. **TODAS AS SECAS REGISTRADAS NO POLIGONO DAS SECAS NO SEMIÁRIDO DO NORDESTE DO BRASIL**. 2016. Disponível em < <https://natalgeo.blogspot.com/2016/02/todas-as-128-secas-registradas-no.html>> Acesso em 14 Nov. 2019.

Google Earth. **Imagem da barragem construído por agricultores durante a Frente de Emergência de 1983 no Sítio Baixio da Carnaúba, Município de Serra Talhada. Imagem de 2019**. Disponível em <<https://earth.google.com/web/@-7.93808658,-38.17540212,463.33353496a,478.42046354d,35y,322.53465248h,0t,0r>> Acesso em 14 nov. 2019.

IBGE. **Santa Cruz da Baixa Verde**. Senso Demográfico 2010. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-da-baixa-verde>> Acesso em 02 ago. 2019.

JUNIOR, Nill. Documentário contará história de “Mulheres da Emergência” da seca de 83. 2017. Disponível em < <http://nilljunior.com.br/documentario-contara-historia-de-mulheres-da-emergencia-da-seca-de-83/>> Acesso em 14 Nov. 2019.

LEAL, V.N. **O QUE É CORONELISMO?** Politize!. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/coronelismo-entenda-o-conceito/>> Acesso em 30. Nov. 2019.

LIMA, João Policarpo Rodrigues. **Do engenho para o mundo? A Produção de Rapadura no Nordeste: Características, Perspectivas e Indicações de Políticas.** 2001. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, V. 32, N. 4, P. 950-974, out-dez.

MELO, Lígia Albuquerque de. **RELAÇÕES DE GÊNERO NA AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DO PRONAF EM AFOGADOS DA INGAZEIRA-PE.** Recife, 2003. 215 p.

MORENO. G. **ESOCIAL: O QUE É O PEQUENO PRODUTOR RURAL? NOVO FASEAMENTO DIFERENCIA ESSAS PESSOAS FÍSICAS.** 2018. Disponível em: [http://www.garciaemoreno.com.br/artigo/14678/esocial\\_o\\_que\\_e\\_o\\_pequeno\\_produto\\_rural\\_novo\\_faseamento\\_diferencia\\_essas\\_pessoas](http://www.garciaemoreno.com.br/artigo/14678/esocial_o_que_e_o_pequeno_produto_rural_novo_faseamento_diferencia_essas_pessoas).

OLIVEIRA. T.M.V. **Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas.** 2001.

PE-AZ. **Santa Cruz da Baixa Verde. Base econômica.** Disponível em <<https://www.pe-az.com.br/o-estado/municipios/s/1342-santa-cruz-da-baixa-verde>> Acesso em 14 Nov. 2019.

RIBEIRO, Darcy (1995). **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil** (PDF). São Paulo: Companhia das Letras. 480 páginas. ISBN 9788571644519. Formato PDF. Acervo digital do Portal IPHI. Acesso em 14 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922003000100017>.

SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE. **PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA**. 2015

SAVOLDI. A. **UMA ABORDAGEM SOBRE A AGRICULTURA FAMILIAR, PRONAF E A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO SUDOESTE DO PARANÁ NA DÉCADA DE 1970.** Revista Geografar. Curitiba, v.5, n.1, p.25-45, jan./jun. 2010.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido.** Soc. estado., Brasília, v. 18, n. 1-2, p. 361-385, Dec. 2003. Disponível em <

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922003000100017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922003000100017&lng=en&nrm=iso)> . Acesso em 14 ago. 2019

SUDENE. **Plano de Integridade**. Novembro de 2018. Acesso em 27 nov. 2019. Disponível em: <[https://www.cgu.gov.br/assuntos/etica-e-integridade/programa-de-integridade/planos-de-integridade/arquivos/sudene-superintendencia-do-desenvolvimento-do-nordeste\\_vp.pdf](https://www.cgu.gov.br/assuntos/etica-e-integridade/programa-de-integridade/planos-de-integridade/arquivos/sudene-superintendencia-do-desenvolvimento-do-nordeste_vp.pdf)>

VIRTUOUS. T. I. **As grandes civilizações"** em **Só História.**, 2009-2019. Consultado em 27/11/2019. Disponível na Internet em [www.sohistoria.com.br/ef2/grandescivilizacoes/](http://www.sohistoria.com.br/ef2/grandescivilizacoes/).

## 8. APÊNDICES

### APÊNDICE A

#### Questionário dos Trabalhadores das *Frentes de Emergência* do município de Santa Cruz da Baixa Verde- PE (Informações referentes a(s) época(s) trabalhada(s) na(s) Frente(s) de Emergência)

Data de aplicação: \_\_\_/\_\_\_/2019      Localidade:\_\_\_\_\_.

Questionário N°:                      Coordenadas Geográficas :

Tabela 2- Questionário do(a) Trabalhador(a) das *Frentes de Emergência*

<b>Dados do(a) Trabalhador(a) das <i>Frentes de Emergência</i></b>	
Nome Completo:	
Apelido:	
Idade:	
Estado Civil: ( ) Solteiro   ( ) Casado   ( ) Divorciado/Separado   ( ) Viúvo   ( ) Outro. Qual?_____	
Cor/Raça: ( ) Branco   ( ) Preto   ( ) Pardo   ( ) Amarelo	
Local de Nascimento:	
Profissão do pai:	Escolaridade do pai:
Profissão da mãe:	Escolaridade da mãe:
Reside na zona rural o urbana?	
Endereço:	
Município:	UF: PE
Em que ano iniciou os trabalhos na frente de emergência?	
Qual o ano concluiu os trabalhos nas <i>frentes de emergência</i> ?	
Após concluir os trabalhos na frente de emergência, qual foi a forma utilizada para obter renda para manter a família?	

<p>Na(s) frente(s) de emergência quais as atividades eram realizadas:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. _____</li><li>2. _____</li><li>3. _____</li><li>4. _____</li><li>5. _____</li></ol>
<p>Antes das <i>frentes de emergência</i> quais os trabalhos que eram desempenhados para geração de renda no núcleo familiar?</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1.</li><li>2.</li><li>3.</li><li>4.</li><li>5.</li></ol> <p>Já possuiu ou possui algum benefício governamental, seja ele federal, estadual ou municipal?</p> <p>Qual (is):</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. ( ) Bolsa-Família</li><li>2. ( ) Bolsa- Escola</li><li>3. ( ) Seguro Safra/ Garantia Safra</li><li>4. ( ) Fome-Zero</li><li>5. ( ) Projeto Mandacaru</li><li>6. ( ) Programa 1 milhão de Cisternas</li><li>7. ( ) Programa 1 Terra e 2 águas</li><li>8. ( ) Chapéu-de-palha</li><li>9. ( ) Outros: _____</li></ol>
<p>Por quanto tempo possuiu ou possui o benefício:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1.</li><li>2.</li></ol>

3.																
O(s) benefio(s) contribui(ram) de que forma para o desenvolvimento familiar?																
Quantas pessoas da família contribui com o trabalho agrícola?																
O produtor é associado a algum órgão de trabalhadores rurais? ( ) Sim ( ) Não Caso a resposta seja sim, Qual (is):																
Gosta de viver na zona rural e trabalhar com agricultura/pecuária? ( ) Sim ( ) Não Por que?																
Tem veículo próprio? Carro, moto ou ambos? Caso sim, quantos? Carros:                      Motos:																
Qual meio de transporte utiliza para trabalhar?  ( ) veículo próprio      ( ) ônibus      ( ) a pé      ( ) outro:																
Perfil dos Jovens: Números de jovens na propriedade: ( ) Feminino ( ) Masculino  Nível de escolaridade:																
		Fundamental								Médio						
Sem Escolarização	Pré-escolar	1º série	2º série	3º série	4º série	5º série	6º série	7º série	8º série	1º ano	2º ano	3º ano	Ensino Superior	Ensino Técnico	EJA	Educação Especial
Renda familiar ( <i>em salário mínimo</i> ): ( ) até 1 ( ) 1 a 2 ( ) 2 a 3 ( ) 3 a 5 ( ) acima de 5																

**Questionário dos Trabalhadores das *Frentes de Emergência* do município de Santa Cruz da Baixa Verde- PE (Informações dos dias atuais)**

Data de aplicação: \_\_\_/\_\_\_/2019      Localidade: \_\_\_\_\_

Questionário nº:

Informações do(a) Trabalhador(a) referente aos anos de trabalho nas <i>Frentes de Emergência</i>	
Ano(s) trabalhados:	Idade(s):
Estado Civil:	
( ) Solteiro    ( ) Casado    ( ) Divorciado/Separado    ( ) Viúvo    ( ) Outro. Qual? _____	
Reside na zona rural o urbana?	
Endereço:	
Município:	UF: PE
Possui área própria na zona rural? Sim ( ) Não ( )	
Qual (is) atividade (s) é (são) realizadas na área? Agricultura ( ) Pecuária ( ) apicultura ( ) outros	
Quais as finalidades das áreas rurais?	
1. 2. 3. 4. 5. 6.	
Possui alguma tecnologia para facilitar o trabalho agrícola? Quais?	
Quantas pessoas da família contribuí com o trabalho agrícola?	

<p>O produtor é associado a algum órgão de trabalhadores rurais?</p> <p>( ) Sim ( ) Não</p> <p>Caso a resposta seja sim, Qual (is):</p>																																																																	
<p>Gosta de viver na zona rural e trabalhar com agricultura/pecuária? ( ) Sim ( ) Não</p> <p>Caso realize atividades da pecuária quais as criações? (Pode ser marcado mais de uma opção).</p> <p>( ) Bovinos ( ) Equinos ( ) Suínos ( ) Ovinos ( ) Criação de galinhas, galos frangas, frangos e pintos</p>																																																																	
<p>Caso realize atividades da agricultura quais as culturas foram plantadas? (Pode ser marcado mais de uma opção).</p> <p>( ) milho ( ) Feijão ( ) Hortaliças ( ) Bananeiras ( ) Mandioca ( ) Palma</p>																																																																	
<p>Tem veículo próprio? Carro, moto ou ambos?</p>																																																																	
<p>Perfil dos Jovens:</p> <p>Números de jovens na propriedade: ( ) Feminino ( ) Masculino</p>																																																																	
<p>Nível de escolaridade:</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"></th> <th colspan="8">Fundamental</th> <th colspan="3">Médio</th> <th colspan="3"></th> </tr> <tr> <th rowspan="2">Sem Escolarizaçã</th> <th rowspan="2">Pré-escolar</th> <th>1° série</th> <th>2° série</th> <th>3° série</th> <th>4° série</th> <th>5° série</th> <th>6° série</th> <th>7° série</th> <th>8° série</th> <th>1° ano</th> <th>2° ano</th> <th>3° ano</th> <th>Ensino Superior</th> <th>Ensino Técnico</th> <th>EJA</th> <th>Educação Especial</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>																		Fundamental								Médio						Sem Escolarizaçã	Pré-escolar	1° série	2° série	3° série	4° série	5° série	6° série	7° série	8° série	1° ano	2° ano	3° ano	Ensino Superior	Ensino Técnico	EJA	Educação Especial																	
		Fundamental								Médio																																																							
Sem Escolarizaçã	Pré-escolar	1° série	2° série	3° série	4° série	5° série	6° série	7° série	8° série	1° ano	2° ano	3° ano	Ensino Superior	Ensino Técnico	EJA	Educação Especial																																																	
<p>Renda familiar (<i>em salário mínimo</i>):</p> <p>( ) até 1 ( ) 1 a 2 ( ) 2 a 3 ( ) 3 a 5 ( ) acima de 5</p>																																																																	

## APENDICE B- ENTREVISTA TRANSCRITA DA AGRICULTORA 1

Apresentação: Dona de casa, agricultora, hoje aposentada, trabalhou na Frente de Emergência no ano de 1993 na construção e melhorias de estradas através da capina da vegetação, construção de barreiras de pedras em locais com “grotas” e em alguns momentos era transferida para realizar os trabalhos em barragens junto com outras mulheres no Sítio Bom Sucesso no Município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE, local em que reside até os dias de hoje. Em seu relato a agricultora conta um pouco da sua experiência nas *Frentes de Emergência*, os pontos positivos e negativos de estar trabalhando em uma atividade coletiva em meio a seca que ocorria no ano corrente.

“Eu só gostava das *Frentes de Emergência* por causa do dinheiro que era necessário para se manter, mas era muito sacrificante, porque era necessário deixar as crianças pequenas em casa para poder trabalhar, devido as necessidades. Quando eu trabalhava só nos monturos de casa com a agricultura familiar dava para conciliar o trabalho na roça com os cuidados da casa e das crianças e assim a gente ia tirando o que comer.

(...) Pra chegar até o trabalho lá nas *Frentes de Emergência* eu acordava bem cedo para fazer a comida, deixava o almoço fervido, e seguia junto com um grupo de mulheres para o trabalho a pé num percurso de mais ou menos dois quilômetros e com a preocupação e chegar a tempo no local da construção para não perder a hora para marcar o ponto. Quando chegava a hora de almoço lá prá 11 horas eu terminava de aprontar o almoço, almoçava, e quando dava 13 horas eu voltava pro trabalho para terminar o resto do trabalho do dia.

Para conseguir me alistar na frente de emergência foi bastante difícil, mas após conseguir o alistamento trabalhei durante um mês completo e no momento do pagamento constava que eu não estava alistada, depois disso “pelejei” várias vezes para me alistar, mas não consegui, só depois meu marido conseguiu uma vaga, mas somente com a renda da frente de emergência era baixa ele precisava trabalhar na roça e eu as vezes ficava no lugar dele trabalhando nas construções.

(...) Depois dessa Frente de Emergência começou a surgir os programas do governo que ajudou muito, como o bolsa família, apesar dos valores serem baixos ajudou

bastante as donas de casa com a sexta básica que ao invés de ter que ir para as roças, ficam cuidando da casa e dos filhos, melhorou bastante!

(...) Particularmente, eu, não gostei de trabalhar nas *Frentes de Emergência* por que os trabalhos em especial para as mulheres eram muito sofridos, mas agora as condições de vida foram aos poucos melhorando, a gente foi comprando os pedacinhos de terra e hoje a vida é melhor. ”

## APÊNDICE C- ENTREVISTA TRANSCRITA DO AGRICULTOR 7.

Apresentação: Agricultor, residente no Sítio Bom Sucesso no Município de Santa Cruz da Baixa Verde- PE, trabalhou nos engenhos e em duas *Frentes de Emergência*.

“Pra chegar nas *Frentes de Emergência* o meio de transporte que a gente utilizava variava muito, as vezes eu ia a pé, de bicicleta. O horário de trabalho iniciava as 07 horas, mas era necessário sair de casa às 06 horas ou antes dependendo do transporte que usava em cada dia, mas a gente sempre voltava as 11 horas pra almoçar e retornava as 13 horas e seguia até as 17 horas.

Na época o valor era muito pouco, acredito que na época não chegava nem a meio salário mínimo, mas apesar de ser pouco era o que tinha pra sustentar a família. Sempre procurei alguma forma de não deixar faltar a comida. O feijão e a farinha nunca faltaram, mas arroz era as vezes e a carne naquela época nem pensar, por que não dava pra comprar. Quando não tinha as *Frentes de Emergência* eu me virava, trabalhando nos engenhos no brejo, trabalhava nos dias de folga, trabalhar alugado, fazendo bico nas roças de outros agricultores.

Não foi muito fácil me alistar, tive que dar três viagens para conseguir se alistar e a quantidade de pessoas que tinham era bastante o que dificultava ainda mais por conta da demora pra atender a todo mundo.

Eu trabalhei na região de brejo na época da emergência no ano de 1980 pra juntar dinheiro pra comprar um jumento e andar montado pro trabalho, quando trabalhei que ganhei o dinheiro comprei o burro e esse era meu meio de transporte. Quando foi um dia “carregaram”<sup>19</sup> meu burro e de João Cordeiro, já falecido, quando foi um dia “fiquemos” sabendo que um povo de Santa Rita “tavam” roubando burro e que João Cordeiro “fumo” pra Santa Rita.

Quando a gente ia buscar o burro uns ciganos estavam armados para que ninguém pegasse os burros de volta a gente ficou até a noite pra ver se recuperava esses burros. Como os ciganos “tavam” armados resolvemos vim “simbora” pra casa e deixar esses jumentos pra lá. Quando a gente chega em serra talhada pra pegar o transporte todos os transportes já tem ido “simbora”<sup>20</sup>.

A gente tirou de pé de Santa Rita até Serra Talhada na esperança de pegar uma carona. Botamos as nossas selas nas costas e saímos andando e já no final da tarde com fome sem ter nada pra comer “passemo”<sup>21</sup> numa fazenda que vendia queijo pra ver se tinha algum pra comer, mas não tinha, quando avistamos um menino chupando “imbu”<sup>22</sup>,

---

<sup>19</sup> **Carregar** regionalmente significa levar ou trazer consigo. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/carregar/>

<sup>20</sup> Relativo a ir embora, ter partido.

<sup>21</sup> Relativo a passar por algum lugar antes de chegar ao seu destino final.

<sup>22</sup> Fruto do umbuzeiro que popularmente é chamado de imbuzeiro.

falamos com esse menino pra ver se ele vendia e a gente matava a fome com o imbu mesmo. Graças a Deus ele vendeu.

Na época quem era o responsável pela frente de serviço era o exército, ai quando a gente ia passando com as selas na costas um carro do exército parou pra gente subir, deu uma carona e a gente seguiu, mas os burros pra gente trabalhar não conseguimos de volta, só sofrimento. Eu passei mais de 2 dias sem ir pra emergência por que estava procurando meu burro e cortaram meu ponto, mas o dono do terreno que a gente tava trabalhando disse que não era pra cortar que era pra dar um jeito, foi então que eles deram um jeito e a gente conseguiu receber por esses dois dias que a gente ficou sem trabalhar por que senão ia ser ruim demais.

A Frente de Emergência era o meio que a gente tinha de arrumar dinheiro, mas boa não era não. Eu trabalhei bastante construindo a parede da barragem, “apilando<sup>23</sup>” ela com picareta. E depois dessa Emergência eu recebi o Bolsa-Família por um tempo e depois ganhei a cisterna com o programa do governo, essa cisterna foi muito boa pra poder irrigar umas coisinhas e se não fosse por essa cisterna a situação ia tá ruim de novo porque não ia ter como armazenar a água pra beber e fazer os serviços de casa.”

---

<sup>23</sup> Linguagem regional utilizada para referir-se à compactação do solo.

## APÊNDICE D- ENTREVISTA TRANSCRITA DA AGRICULTORA 8.

Apresentação: Dona de casa, agricultora, hoje aposentada, trabalhou nas Frentes de Emergência no ano de 1983 e 1993 na construção e melhorias de estradas através da capina da vegetação, construção de barreiras de pedras em locais com “grotas” e em alguns momentos era transferida para realizar os trabalhos em barragens junto com outras mulheres no Sítio Bom Sucesso no Município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE, Residente no Sítio Arado Município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE.

“ Eu trabalhei nas *Frentes de Emergência* nos anos de 1983 e 1993 cavando terra e transportando essa terra de carroça pra construir barragem. (...)”

Eu acordava muito cedo umas quatro horas tinha que tá levantada porque sete horas tinha que tá lá, porque senão perdia o ponto e tinha que voltar pra casa, porque não recebia mais por aquele dia. (...)

(...) Eu tinha dois filhos na época e eu levava pra barragem, deixava debaixo dos paus e eu ia trabalhar. Eu ia pro trabalho a pé e levava as duas crianças nos braços, eu levava um e as amigas levavam o outro. Ia uma faixa de 12 pessoas na estrada, tudo pro mesmo serviço, minha sogra ia também e ela me ajudava bastante a levar eles também. (...)

(...) Eu tinha hora de chegar lá pra não perder o ponto mas a hora de almoçar eu não tinha, o horário de almoço tinha mas eu não tinha o que comer. Quando nos chegava em casa nós caçava água no pote e nós não achava não. (...)

(...) Pra cozinha tinha um feijão preto que botava carbonato, encardia as panelas tudo e não cozinhava e a água era pouca pra cozinhar, a situação era difícil viu! E a gente era obrigado a pegar esse feijão preto como parte do pagamento. (...)

(...) Eu trabalhava com fome, nem todo dia tinha um pedaço de cuscuz seco, porque as vezes sobrava um pedaço seco da janta e eu aproveitava pra levar pra esses meninos. Quando chegava lá no canteiro tinha umas vendedoras de tapioca e muitas vezes já comprei fiado pra pagar quando recebesse. (...)

O meu marido tava trabalhando em outro canto porque os serviços eram separados, ele tava trabalhando em Carnaúba fazendo barragem. (...)

Se eu quisesse sair mais cedo do trabalho tinha que trabalhar dobrado e o fiscal ficava contando as carroças de terra que a gente colocava pra poder sair mais cedo e ter um tempinho a mais pra fazer a comida das crianças quando tinha. (...)

O valor que eles pagavam era de 15 contos de réis e o pagamento era feito pelo fiscal. (...)

A dificuldade era muito grande para poder se alistar porque se tivesse duas pessoas da mesma casa alistado não pegava as duas pessoas eles só pegavam um, mas como a minha precisão era tanta eu cheguei em Serra Talhada e disse que eu era separada sem ser. Cheguei lá no escritório e me perguntaram qual era o meu problema e falei que tava em busca de me alistar porque tava como muita precisão e me perguntaram em seguida se tinha alguém de casa alistado e eu disse que tinha o meu marido. E me disseram que

não pode, mas eu já fui no plano, aí disse que era separada sem ser, depois disso ele fez os papeis do alistamento tranquilo. (...)

O dinheiro que eu recebia da Emergência só dava mesmo pra comida, que era feijão e milho pra fazer o cuscuz e fubá que eu comprava nas bodegas que tinha por aqui no sítio Arado. As coisas eram muito caras e se comprasse alguma coisa hoje os donos das bodegas não anotavam o preço não, anotava que era um quilo porque amanhã já tava mais caro. (...)

Por aqui aconteceu saque de armazém e das bodegas do sitio. Eu não participei porque faltou coragem, mas vontade eu tive. Nesse tempo tava cheia de menino e nem o saco pra roubar eu tinha. (...)

A pior seca que eu me lembro foi a de 93, aquela seca grande em que passei necessidade. Eu tinha 3 filhos só que as coisas não eram fácil não. Teve dias que eu tive que ferver um tiquinho de angu<sup>24</sup> com ovo e dividia com os meninos tudinho e o que tinha era só o milho velho que tinha da época que choveu. As crianças não tinham roupas para vestir, usava aquelas roupas doadas, um jeans duro e pra lavar essas roupas que tinha passava o dia todinho no riacho com um pedaço de sabão só, botando a roupa pra quará nos lajeiros pra ver se amolecia o grude e era preciso andar muito. Eu saia do sitio Arado e Ia pro sitio Cana-Brava pra lavar e outro dia só não desmaiei no riacho porque encontrei uma pessoa muito boa que me deu um pouco de feijão pra comer, foi um caldo de feijão abençoado que salvou minha vida nesse dia.”

---

<sup>24</sup> **Angu** é uma espécie de cozido feito somente a base de fubá de milho e água. Nome muito usado em Minas Gerais, o mesmo que polenta, só que sem temperos. Disponível em < <https://www.dicionarioinformal.com.br/angu/>> Acesso em 14 Nov. 2019.

## APÊNDICE E- ENTREVISTA TRANSCRITA DA AGRICULTORA 9.

Apresentação: Agricultora, trabalhou em duas Frentes de Emergência, 1983 e 1993, no momento aposentada como trabalhadora rural. Mãe de dois filhos, casada. 71 anos e relata sua experiência durante os trabalhos nas no período das Frentes de Emergência.

Na “Emergência” eu trabalhei no ano de 1983 e 1993, eu e meu marido trabalhamos a vida toda como agricultor. Fui criada pelo meu pai e pela minha mãe, que também eram agricultores até os 16 anos depois eu casei. Nós “fumo” criado na roça toda a vida porque ele era sozinho pra “trabaiá” e a gente (eu e meus irmãos) ia ajudar ele na roça a colher, catar fava, catar feijão, andú, caçava lenha, a vida sempre foi sofrida, desde criança,

Eu desde criança que ia pra roça, depois dos 10 anos já tava “ajudano” os pais e nunca tive a oportunidade de estudar porque era difícil por conta da pobreza e porque eu fui ajudar a minha mãe a cuidar dos meus irmãos enquanto minha mãe negociava, de vez em quando ela comprava e vendia um franguinho ou um ovo pra ajudar em alguma coisinha dentro de casa e eu cuidava das crianças, dos meus irmãos. Aqui não tinha escola, ai a vida era sofrida!

Na Frente de Emergência a gente saia daqui de casa seis “hora”, num tomava café não, porque não tinha não, chega de onze hora e ia botar o feijão-preto no fogo, mas não cozinhava, meus filhos ficavam tudo com fome. Tive dois filhos. E quando eu não tava trabalhando na Frente de Emergência eu trabalhava cuidando na roça, trabalhava em casa, cuidava dos filhos .

Em 1993 aqui teve uma seca tão terrível que eu sabia que não tinha, mas eu caçava um farelo de açúcar nas latas e não achava não, e eu não podia fazer nada ficava só na vontade de comer e passava fome. As vezes a gente almoçava uma vez na casa do meu irmão que estava em São Paulo e as vezes mandava um dinherin ai a esposa dele fazia umas comprinha e quando dava nós comia com ela, a gente ia comendo todo mundo junto porque a gente não sabia como ia ser no “ôto” dia.

O que a gente recebia nas *Frentes de Emergência* era muito pouco, não dava pra quase nada e as vezes a gente era obrigado a receber um feijão- preto como forma de pagamento e a gente ia comendo, de vez em quando a gente ia nas bodegas e comprava um pacote de bolacha, um café um sabãozin pra lavar as roupas, ai o dinheiro acabava.

Já passei muitos e muitos dias de fome sem ter nada, as vezes mas dificilmente aparecia um feijão, um andú... (...) Andú as vezes a gente botava no fogo, era mal cuidado porque era guardado nos sacos e nos silos e ficavam velhos demais e ficava tudo preto, quando colocava no fogo os cascudos subiam tudo pra cima da água e a sorte era quando tinha pelo menos o sal pra temperar. Ai botava o milho de molho, moía e fazia o cuscuz. As vez a gente tinha essas coisas nas panelas mas a gente não conseguia comer porque era muito ruim e carne não tinha não. Eu passei por essas situações e com dois filhos para criar.

Meus filhos não passavam muita fome porque minha mãe tinha umas cabras e a gente cuidava delas e tirava o leite pra eles comer com um angú ou com um cuscuz e era

isso o que eu podia oferecer. Era muito difícil a nossa vida no passado. Passamos muita fome, muita necessidade.

As vezes a gente não passava fome porque colocava a panela no fogo e saía na casa dos vizinhos caçano um sal pra botar na panela. Se tinha o café não tinha o açúcar e a gente ia pedir aos vizin sem eles ter também, mas sempre que tinha nos dividia e ia se ajudando com uma colher de açúcar pra colocar no café ou uma colher de sal pra colocar na panela.

As vezes meu marido ia no dia de domingo pra Jatiúca com um dinheiro bem pouquinho e chegava em casa com meia libra de caroço de café que ainda era pra torrar e fazer o pó do café e dois quilos de açúcar, um pacote de bolacha pros meninos comer na hora e um litro de gás pra botar nos candeeiro e só. Porque a gente antes tinha que comprar ao menos meio litro ou um litro de gás pra botar no candeeiro, porque na época não tinha energia ai pra nós não ficar no escuro quando anoitecia. Muitas vezes nos já dormimos no escuro porque não tinha a energia e nem o gás pra botar no candeeiro.

Meu marido já ficou “nuzin” dentro de casa num dia de domingo, eu tranquei ele dentro de casa e fui lavar a roupa dele porque não tinha roupa, hoje graças a Deus ele tem um monte de roupa, mas ele não tinha uma roupa pra vestir. Tive que deixar ele dentro de casa e fui pro riacho com um farelo de sabão e a minha como eu nunca gostei de andar suja, quando eu ia lavar as roupas dos panos dos filhos eu tiraa a roupa que eu tava e la no riacho mesmo eu lavava na pedra, espremia e vestia na hora mesmo ela molhada porque a gente não tinha roupa não.

Hoje quem não tem o dinheiro pra comprar as coisas é um pouco mais difícil, mas todo mundo dá uma roupa se quer a quem precisa, mas naquela época não tinha não.

Naquele tempo eu me lembro que era um dia de serviço por um quilo de toicinho de porco, hoje o quilo de carne de porco é dez reais e um dia de serviço na roça é de quarenta a cinquenta reais, mudou muito.

As águas naquela época não tinham não, era muito difícil. A gente carregava de uma cacimbinha que tinha aqui perto, mas o povo vivia nessa cacimba de dia e de noite esperando criar um pouco de água pra gente puxar com uma latrinha e botar nos potes de casa porque não tinha outra água.

Hoje graças a Deus o tempo é outro, tem água nas torneiras, nos tanques na cisterna que eu recebi pelo programa do governo, água na caixa d’água. Graças a Deus por todo canto a gente tem água armazenada, mas no passado era difícil porque não tinha um poço pra ninguém tirar água.

Eu posso dizer que a minha vida ficou melhor, ou melhor dizendo, a minha vida não ficou melhor não porque em relação ao “pão” realmente melhorou quando o meu filho interou dezoito anos e foi trabalhar em São Paulo e o que ele ia ganhando ele ficava mandando pra nós, ai já ajudava bastante, nós já não passamos mais necessidades de jeito nenhum, mas foi o tempo em que ele morreu e eu fiquei com a pensão dele. Por causa dele eu parei de sentir fome! Falta ele, ele pra mim era tudo, mas depois do dia que ele foi pra São Paulo nada mais faltou na nossa vida. Só falta ele. Mas aproveitei muito a passagem dele por aqui, só fico triste por não ter a oportunidade de dar ao meu filho tudo

o que ele merecia e precisava, porque realmente eu não podia. Eu carrego uma tristeza de ter as coisas dentro de casa e não ter os meus filhos pra mim dividir com ele.

Depois de todo esses acontecidos eu e meu marido a gente conseguiu se aposentar e hoje a gente não vive uma vida tão boa, mas pra dizer que a gente passa necessidade a gente não passa graças a Deus.

## APÊNDICE F- ENTREVISTA TRANSCRITA DO AGRICULTOR F

Apresentação; Agricultor, 75 anos, trabalhou em duas Frentes de Emergência, 1983 e 1993 tendo duração de um ano cada. Casado, pai de dois filhos e aposentado como trabalhador rural. Em entrevista, a seguir, ele relatou suas experiências durante as Frentes de Emergência.

“ Eu comecei a trabalhar na Frente de Emergência lá no baixio do jazigo, trabalhei na Frente de Emergência no Sitio Carnaúba era muito sofrimento e não tinha nada que desse pra nada.

Quando foi no ano de 1980 eu peguei uma seca tão grande que quando chegou o tempo da chuva eu trabalhei o dia e a noite na produção do meu encarregado lá na construção da barragem. Eu fazia umas barreiras de doze metros de altura e cinquenta braças de distância, por que eu trabalhava de empeleita,

Eu, meu irmão e um amigo só nós três era quem fazia essa empeleita porque só assim a gente tinha o direito de faltar no outro dia lá no canteiro pra poder ir fazer a roça sem descontar no ponto, mas o negócio era feio.

Eu também trabalhei nas roças mais o pessoal que tinha condição financeira pra pagar a diária, cortando madeira por cima das serras e carregando nas costas, era um “trupé”, impeleitava a construção de cercas de pedra, pra arrancar pedra colocando as pedras que eu conseguia com maior facilidade no trilho da pedra e quando eu não podia tinha que primeiro quebrar de marreta pra depois levar pro trilho da cerca. Era um negócio brabo.

Até hoje eu sinto minhas carnes tremer, porque eu sofri! A vida do tempo da Emergência não é de se comparar com os dias de hoje não. Hoje graças a Deus, todo mundo ou quase todo mundo que trabalhou na emergência tem seu aposento, tem sua ajudazinha.

Hoje eu posso dizer que tenho comida em casa, não como se eu não quisesse, mas naquele tempo não tinha isso não. E a minha esperança é que melhore cada vez mais e que uma época igual aquela não volte nunca mais.”

## APÊNDICE G- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA- UAST  
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

**Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.**

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu  
Entrevistado(a): \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_ domiciliado/residente em  
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): \_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA, CPF: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_ emitido pelo(a): \_\_\_\_\_), domiciliado/residente em: \_\_\_\_\_  
, sem quaisquer  
restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os  
direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à)  
pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), no município de Santa Cruz da Baixa Verde,  
Estado de Pernambuco, em 21/09/2019 como subsídio à construção de levantamento  
de dados referentes a monografia intitulada "Da terra seca nasce vida áspera: o caso  
dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos  
anos 1980.", da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra  
Talhada. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e  
publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte,  
editado ou não, além de imagens que venham a surgir durante a entrevista estando as imagens  
de acordo com o objetivo do projeto, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins  
idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu  
conteúdo.

\_\_\_\_\_  
Santa Cruz da B. Verde, 21 de Setembro de 2019

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

Profa. Dra. Avani Tererezinha Gonçalves Torres  
SIAPE 1579213

## APÊNDICE H- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA- UAST  
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

**Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.**

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu  
Entrevistado(a): \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_, domiciliado/residente em  
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):  
\_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA, CPF: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_, emitido pelo(a): \_\_\_\_\_, domiciliado/residente em \_\_\_\_\_,  
sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao (à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), no município de Santa Cruz da Baixa Verde, Estado de Pernambuco, em 16/09/19, como subsídio à construção de levantamento de dados referentes a monografia intitulada "Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.", da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, além de imagens que venham a surgir durante a entrevista estando as imagens de acordo com o objetivo do projeto, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Santa Cruz da B. Verde, 16 de Setembro de 2019

Assinatura do entrevistado

Profa. Dra. Avani Tererezinha Gonçalves Torres  
SIAPE 1579213

## APÊNDICE I- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA- UAST  
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu  
Entrevistado(a): \_\_\_\_\_  
CPF: \_\_\_\_\_ domiciliado/residente em  
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): \_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA, CPF: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_ emitido pelo(a) \_\_\_\_\_, domiciliado/residente em: \_\_\_\_\_

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), no município de Santa Cruz da Baixa Verde, Estado de Pernambuco, em 21/09/2019 como subsídio à construção de levantamento de dados referentes a monografia intitulada "Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.", da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, além de imagens que venham a surgir durante a entrevista estando as imagens de acordo com o objetivo do projeto, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

\_\_\_\_\_  
Santa Cruz da B. Verde, 21 de Setembro de 2019

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

Profa. Dra. Avani Tererezinha Gonçalves Torres  
SIAPE 1579213

## APÊNDICE J- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA- UAST  
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

**Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.**

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu  
Entrevistado(a): \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_ domiciliado/residente em  
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):  
\_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA, CPF: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_, emitido pelo(a): \_\_\_\_\_, domiciliado/residente em: Sítio  
\_\_\_\_\_, sem quaisquer  
restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os  
direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à)  
pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), no município de Santa Cruz da Baixa Verde,  
Estado de Pernambuco, em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, como subsídio à construção de levantamento  
de dados referentes a monografia intitulada "Da terra seca nasce vida áspera: o caso  
dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos  
anos 1980.", da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra  
Talhada. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e  
publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte,  
editado ou não, além de imagens que venham a surgir durante a entrevista estando as imagens  
de acordo com o objetivo do projeto, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins  
idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu  
conteúdo.

Santa Cruz da B. Verde, 14 de Setembro de 2019

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

Profa. Dra. Avani Tererezinha Gonçalves Torres  
SIAPE 1579213

## APÊNDICE L- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA- UAST  
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu  
Entrevistado(a): \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_ domiciliado/residente em  
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): \_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA, CPF: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_ emitido pelo(a): \_\_\_\_\_ domiciliado/residente em: \_\_\_\_\_

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), no município de Santa Cruz da Baixa Verde, Estado de Pernambuco, em 16/09/19, como subsídio à construção de levantamento de dados referentes a monografia intitulada "Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.", da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, além de imagens que venham a surgir durante a entrevista estando as imagens de acordo com o objetivo do projeto, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Santa Cruz, B. Verde, 16 de Setembro de 2019

Assinatura do entrevistado

Profa. Dra. Avani Tererezinha Gonçalves Torres  
SIAPE 1579213

## APÊNDICE M- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA- UAST  
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

**Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.**

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu  
Entrevistado(a): \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_, domiciliado/residente em  
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):  
\_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA, CPF: \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_ emitido pelo(a) \_\_\_\_\_), domiciliado/residente em: Sítio \_\_\_\_\_, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), no município de Santa Cruz da Baixa Verde, Estado de Pernambuco, em 23/09/2019, como subsídio à construção de levantamento de dados referentes a monografia intitulada "Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.", da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, além de imagens que venham a surgir durante a entrevista estando as imagens de acordo com o objetivo do projeto, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Santa Cruz da Baixa Verde 23 de Setembro de 2019

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

Profa. Dra. Avani Tererezinha Gonçalves Torres  
SIAPE 1579213

## APÊNDICE N- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA- UAST  
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

**Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.**

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu  
Entrevistado(a): \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_ domiciliado/residente em  
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):  
\_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA, \_\_\_\_\_  
RG \_\_\_\_\_, emitido pelo(a): \_\_\_\_\_), domiciliado/residente em: Sítio  
\_\_\_\_\_, sem quaisquer  
restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os  
direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à)  
pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), no município de Santa Cruz da Baixa Verde,  
Estado de Pernambuco, em 18/09/19, como subsídio à construção de levantamento  
de dados referentes a monografia intitulada "Da terra seca nasce vida áspera: o caso  
dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos  
anos 1980.", da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra  
Talhada. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e  
publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte,  
editado ou não, além de imagens que venham a surgir durante a entrevista estando as imagens  
de acordo com o objetivo do projeto, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins  
idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu  
conteúdo.

\_\_\_\_\_ de Santa Cruz da B. Verde, 18 de Setembro de 2019

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

Profa. Dra. Avani Tererezinha Gonçalves Torres  
SIAPE 1579213

## APÊNDICE O- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA- UAST  
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

**Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.**

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu  
Entrevistado(a): \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_ domiciliado/residente em  
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):  
\_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA, CPF: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_, emitido pelo(a) \_\_\_\_\_, domiciliado/residente em: Sítio  
\_\_\_\_\_, sem quaisquer  
restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os  
direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à)  
pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), no município de Santa Cruz da Baixa Verde,  
Estado de Pernambuco, em 19/09/19, como subsídio à construção de levantamento  
de dados referentes a monografia intitulada "Da terra seca nasce vida áspera: o caso  
dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos  
anos 1980.", da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra  
Talhada. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e  
publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte,  
editado ou não, além de imagens que venham a surgir durante a entrevista estando as imagens  
de acordo com o objetivo do projeto, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins  
idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu  
conteúdo.

SIT. CRUZ B. VERDE, 19 de Setembro de 2019

Assinatura do entrevistado

Profa. Dra. Avani Tererezinha Gonçalves Torres  
SIAPE 1579213

## APÊNDICE P- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA- UAST  
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

**Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.**

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu  
Entrevistado(a): \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_ domiciliado/residente em  
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): \_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA, \_\_\_\_\_, 3  
RG: \_\_\_\_\_ emitido pelo(a): \_\_\_\_\_ domiciliado/residente em: Sítio  
Santa Cruz da Baixa Verde, PE, \_\_\_\_\_, sem quaisquer  
restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os  
direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à)  
pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), no município de Santa Cruz da Baixa Verde,  
Estado de Pernambuco, em 19/09/19, como subsídio à construção de levantamento  
de dados referentes a monografia intitulada "Da terra seca nasce vida áspera: o caso  
dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos  
anos 1980.", da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra  
Talhada. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e  
publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte,  
editado ou não, além de imagens que venham a surgir durante a entrevista estando as imagens  
de acordo com o objetivo do projeto, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins  
idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu  
conteúdo.

SMT. CRUZ B. VERDE, 19 de Setembro de 2019

Assinatura do entrevistado

Profa. Dra. Avani Tererezinha Gonçalves Torres  
SIAPE 1579213

## APÊNDICE Q- CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA- UAST  
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

**Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.**

### CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu  
Entrevistado(a): \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_ domiciliado/residente em  
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):  
\_\_\_\_\_

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): GENICÉLIO CORDEIRO DE SOUSA, CPF \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_, emitido pelo(a): \_\_\_\_\_, domiciliado/residente em: Sítio \_\_\_\_\_,  
sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), no município de Santa Cruz da Baixa Verde, Estado de Pernambuco, em 19/09/19, como subsídio à construção de levantamento de dados referentes a monografia intitulada "Da terra seca nasce vida áspera: o caso dos Agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde (PE) nas Frentes de Emergência nos anos 1980.", da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, além de imagens que venham a surgir durante a entrevista estando as imagens de acordo com o objetivo do projeto, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Santa Cruz da Baixa Verde, 19 de Setembro de 2019

Assinatura do entrevistado

Profa. Dra. Avani Tererezinha Gonçalves Torres  
SIAPE 1579213